

Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul  
Instituto de Letras  
Bacharelado em Letras - Tradutor Português e Inglês

Nathália Bergamaschi Glasenapp

Traduzindo uma *food memoir*: referências culturais, expressões idiomáticas e  
linguagem especializada como desafios para o tradutor

PORTO ALEGRE

2018

Nathália Bergamaschi Glasenapp

Traduzindo uma *food memoir*: referências culturais, expressões idiomáticas e linguagem especializada como desafios para o tradutor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Letras – Tradutora Português e Inglês, concedido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizamari Rodrigues Becker

PORTO ALEGRE

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Glaserapp, Nathália Bergamaschi

Traduzindo uma food memoir: referências culturais, expressões idiomáticas e linguagem especializada como desafios para o tradutor / Nathália Bergamaschi Glaserapp. -- 2018.

74 f.

Orientadora: Elizamari Rodrigues Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Tradução. 2. Food memoir. 3. Itens culturalmente específicos. 4. Expressões idiomáticas. 5. Culinária. I. Becker, Elizamari Rodrigues, orient. II. Título.

Nathália Bergamaschi Glasenapp

Traduzindo uma *food memoir*: referências culturais, expressões idiomáticas e linguagem especializada como desafios para o tradutor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Letras – Tradutora Português e Inglês, concedido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizamari Rodrigues Becker

APROVADA: Porto Alegre, 16 de janeiro de 2018.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizamari Rodrigues Becker

Orientadora (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosalia Neumann Garcia

(UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rozane Rodrigues Rebechi

(UFRGS)

Como diz aquela música, “brindo à casa,  
brindo à vida, meus amores, minha família”.  
Dedico este trabalho àqueles que brindam  
comigo cada conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço às professoras e aos professores do Instituto de Letras da UFRGS pela dedicação inigualável ao ensino.

Agradeço especialmente à professora Elizamari Rodrigues Becker pela orientação e os ensinamentos, que foram muito além do escopo de um TCC, tomando a forma de conselhos para a vida acadêmica e profissional, sempre com base na ética e na paixão pelo que se faz.

Agradeço à professora Ana Beatriz Areas da Luz Fontes, cuja dedicação ao ensino da língua inglesa ultrapassou barreiras e contribuiu para a formação de alunos e profissionais mais dedicados e atenciosos à escrita; seus ensinamentos formaram os alicerces deste trabalho de conclusão. Agradeço também à professora Rosalia Neumann Garcia, que me orientou, com graça e singularidade, em boa parte da tradução analisada neste estudo, contribuindo imensamente com todo seu conhecimento e experiência na língua inglesa.

Por fim, o agradecimento mais especial faço aos meus pais pela confiança, paciência e dedicação imensuráveis. Vocês acreditaram em mim mesmo quando eu já havia desistido de encontrar um caminho e me guiaram por um novo que se mostrou brilhante. Agradeço à minha irmã, que me ensinou desde cedo a amar a língua portuguesa, a leitura e a escrita – caminho sem volta. Agradeço também aos meus “cuscos” pelo amor incondicional.

Como diria Paul Child à sua esposa, Julia Child, uma das maiores cozinheiras de todos os tempos: vocês são a manteiga do meu pão, o sopro da minha vida. Eu carrego vocês para sempre no meu coração.

*Dize-me o que comes e te direi qual deus adoras, sob qual latitude vives, de qual cultura nasceste e em qual grupo social te inclui. A leitura da cozinha é uma fabulosa viagem na consciência que as sociedades têm delas mesmas, na visão que elas têm de sua identidade.*

*(Sophie Bessis)*

## RESUMO

O gênero textual *food memoir* carrega em sua narrativa elementos relativos à culinária, à cultura e à linguagem próprias do(a) autor(a) e dos locais mencionados em suas memórias. Este estudo consiste na análise de parte da tradução desenvolvida para a *food memoir* *Adventures of a Terribly Greedy Girl: A Memoir of Food, Family, Film & Fashion*, escrita por Kay Plunkett-Hogge e lançada em 2017 pela editora Mitchell Beazley. O objetivo da análise é apontar os principais desafios de tradução intrínsecos a esse tipo de narrativa, especialmente no que tange às referências culturais, às expressões idiomáticas e à linguagem especializada da culinária. Como aporte teórico, invocamos os estudos de Bassnett (2005), Lefevere (2005), Newmark (1981), Sobral (2003), Oustinoff (2011), Venuti (2008), Aixelá (1996), Corrêa (2009), Xatara (1994), Bubel e Spitz (2013), Rebecchi (2015), Rebecchi e Silva (2017) e Nord (2006). Observa-se que os desafios de tradução se baseiam principalmente na transposição dos itens culturalmente específicos da língua de partida para a língua de chegada, uma vez que carregam consigo um peso cultural e de significados muito grande. Conclui-se que a obra apresenta um alto valor cultural, e sua tradução e análise resultam em material significativo para o campo de estudos da tradução.

**Palavras-chave:** Tradução. *Food memoir*. Itens culturalmente específicos. Referências culturais. Expressões idiomáticas. Culinária.

## ABSTRACT

Food memoirs carry in their narratives many elements relative to the culinary, the culture and the language proper of the author's life and experiences. The translation of such texts results in a challenging task for translators due to the high amount of culture-specific items, idioms and cooking language. The present study consists of an analysis of part of my translation from English to Portuguese developed for the food memoir *Adventures of a Terribly Greedy Girl: A Memoir of Food, Family, Film & Fashion*, written by Kay Plunkett-Hogge and released in 2017. The purpose of the analysis is to point out the main translation challenges intrinsic to this textual genre, especially in regards to the above cited elements. The studies of Bassnett (2005), Lefevere (2005), Newmark (1981), Sobral (2003), Oustinoff (2011), Venuti (2008), Aixelá (1996), Corrêa (2009), Xatara (1994), Babel and Spitz (2013), Rebecchi (2015), Rebecchi and Silva (2017) and Nord (2006) are summoned up as a theoretical basis. It is observed that the translation challenges are mainly based on the transposition of culture-specific items from the source language to the target language, since these items carry a significant amount of cultural content. It is concluded that the book has a high cultural value, and its translation and analysis result in significant material for the translation studies field.

**Keywords:** Translation. Food memoir. Culture-specific items. Cultural references. Idiomatic expressions. Culinary.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 ADVENTURES OF A TERRIBLY GREEDY GIRL E O GÊNERO TEXTUAL FOOD MEMOIR</b> .....	<b>14</b>
2.1 A AUTORA E A OBRA.....	14
2.2 <i>FOOD MEMOIRS</i> .....	16
2.3 OBJETOS DE ANÁLISE .....	21
<b>3 TRADUÇÃO E CULTURA</b> .....	<b>22</b>
3.1 CONCEITOS DE TRADUÇÃO .....	22
3.2 O OUTRO NA TRADUÇÃO.....	26
3.3 QUESTÕES PRÁTICAS E CLASSIFICATÓRIAS.....	31
<b>4 TRADUÇÃO DE ELEMENTOS CULTURALMENTE ESPECÍFICOS E DE LINGUAGEM ESPECIALIZADA: UMA ABORDAGEM SINTÉTICA</b> .....	<b>34</b>
4.1 REFERÊNCIAS CULTURAIS.....	34
4.2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS .....	37
4.3 LINGUAGEM ESPECIALIZADA: CULINÁRIA.....	40
<b>5 METODOLOGIA DE ANÁLISE</b> .....	<b>46</b>
<b>6 ANÁLISE DA TRADUÇÃO</b> .....	<b>47</b>
<b>6.1 REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> .....	<b>47</b>
6.1.1 <i>Born within the sound of Bow Bells</i> .....	47
6.1.2 <i>The one who had kissed the Blarney Stone</i> .....	49
6.1.3 <i>Gls, Hostess foods, Americana e Glen Campbell</i> .....	50
6.1.4 <i>Mr. Fix-It, Don Draper e Vitalis</i> .....	52
6.1.5 Títulos de capítulos.....	53
<b>6.2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS</b> .....	<b>55</b>
6.2.1 <i>Make a run for it</i> .....	55
6.2.2 <i>A rough ride</i> .....	56
6.2.3 <i>Steadying food</i> .....	57
6.2.4 <i>The far-flung hinterland</i> .....	58
6.2.5 <i>Hippie-dippie</i> .....	59
<b>6.3 LINGUAGEM ESPECIALIZADA: CULINÁRIA</b> .....	<b>60</b>
6.3.1 Receita culinária .....	60
6.3.2 Culinária tailandesa .....	62
6.3.3 Culinária britânica .....	63
6.3.4 Culinárias diversas.....	65
6.3.5 Um pouco mais da culinária britânica .....	67
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando lemos uma *food memoir*, daquelas em que o(a) autor(a) entregou corpo e alma à escrita, precisamos estar preparados para sentir  *muito*: vamos entrar na pele do autor, que descreverá as sensações de tal maneira que será quase possível sentirmos o cheiro e o sabor da comida descrita. Seremos levados para lugares em que nunca estivemos, e incorporaremos todas as sensações despertadas no autor durante a experiência relatada. Além das sensações, precisamos estar preparados para sermos introduzidos a uma cultura diferente, talvez até mais de uma, e sentiremos como se estivéssemos lá, no meio de uma experiência multicultural, absorvendo uma linguagem diferente, pessoas diferentes e comidas diversas. Esse sentimento de sermos inseridos dentro de um turbilhão de sensações, emoções e culturas, tudo isso por meio da leitura, é o que me motivou a não só ler, mas assumir o desafio de traduzir uma *food memoir*.

O livro que me motivou é intitulado *Adventures of a Terribly Greedy Girl: A Memoir of Food, Family, Film & Fashion*, da escritora Kay Plunkett-Hogge. Ele foi lançado no Reino Unido em 2017 e ainda não possui tradução para o português do Brasil. *Adventures of a Terribly Greedy Girl* não é uma *food memoir* clássica ou um *best-seller*, mas conquista o leitor pela diversidade de experiências narradas, que vão além da escrita culinária e englobam as aventuras de Plunkett-Hogge nas áreas de Cinema, Moda e, é claro, gastronomia. Plunkett-Hogge nasceu e cresceu em Bangkok, na Tailândia, estudou em Londres, na Inglaterra, o país de origem de sua família, e foi para os Estados Unidos para trabalhar com Moda, morando em Nova Iorque e Los Angeles. Por fim, passou a trabalhar com *catering* de eventos e afirmou sua paixão pela cozinha. Ao lermos Plunkett-Hogge, temos a sensação de estarmos sentados com amigos, ouvindo fatos engraçados da vida. Sua narrativa é leve e divertida, e as pessoas, comidas, lugares e eventos são narrados em um tom irônico, quase satírico. Mas quais são, relativamente ao gênero textual, as características de uma *food memoir*? A obra de Plunkett-Hogge preenche as especificações para esse gênero textual?

A professora e pesquisadora Barbara Frey Waxman responde a primeira dessas questões em seu artigo *Food Memoirs: What They Are, Why They Are Popular, and Why They Belong in the Literature Classroom* (2008). Ela parte de uma análise das *food memoirs* a partir de gêneros textuais como autobiografia, escrita

culinária (*food writing*) e antropologia, ligando o gênero textual *food memoir* à literatura multicultural. Seu objetivo é buscar convencer os professores de Literatura de que o gênero textual *food memoir* pertence à sala de aula, mais especificamente às aulas sobre literatura multicultural. Waxman começa seu artigo citando as razões para a popularidade das *food memoirs*, o que acaba tomando a forma de uma lista de características desse gênero textual: receitas que pontuam cada capítulo, descrições vívidas de alimentos exóticos e comidas favoritas, associações metafóricas que relacionam a comida à nutrição do amor e das emoções, e associação da comida à identidade cultural, às comunidades étnicas, à família e às experiências culturais (WAXMAN, 2008, p. 2). A autora mais de uma vez relaciona as *food memoirs* com a Psicologia, afirmando que as obras desse gênero textual apresentam reflexões profundas sobre a vida em família, o relacionamento com outras culturas, as mudanças de vida e o autodescobrimento. Sobre os aspectos filosóficos, psicológicos e culturais das *food memoirs*, a autora disserta:

As memórias culinárias geralmente traçam a passagem da juventude à maturidade na qual o memorialista descobre a paixão pela comida (por comê-la, cozinhá-la, escrever sobre ela, viajar para prová-la, etc.) e encontra seu lugar no mundo. Alguns escritores de *food memoirs* até passam aos seus leitores um pouco da filosofia que aprenderam sobre onde está a felicidade e como alcançá-la. E muitos desses autores, ao contar suas histórias de vida, fornecem um pouco da psicologia de como se relacionar com os outros – até mesmo entre culturas – e como aprender a se conhecer.<sup>1</sup> (WAXMAN, 2008, p. 4)

Portanto, as *food memoirs* não são apenas sobre comida, mas também sobre como a comida pode estar relacionada a momentos de felicidade, a memórias de infância e adolescência e a lições aprendidas com experiências de vida marcantes.

Todas essas características estão presentes na narrativa de Plunkett-Hogge em *Adventures of a Terribly Greedy Girl*, dessa forma respondendo à segunda questão apresentada. O livro está repleto de receitas e descrições de pratos bastante específicos, apresentando a terminologia técnica da culinária. Mas ele também está carregado de memórias da infância da autora na Tailândia das décadas de 1960 e 1970 – os reflexos da Guerra do Vietnã no cotidiano tailandês e

---

<sup>1</sup> “Culinary memoirs generally trace the memoirists' passage from youth to a maturity in which they have discovered a passion for food (eating it, cooking it, writing about it, traveling to experience it, etc.) and established a niche in the world. Some food memoirists even treat readers to a bit of philosophy they have learned about where happiness lies and how to achieve it. And many of these authors in telling their life stories give readers a little psychology on how to interact with others - even across cultures - and how to get to know themselves” (WAXMAN, 2008, p. 4, tradução nossa).

a convivência com soldados americanos que se alojavam em Bangkok –, dos trabalhos em *sets* de filmagens em Londres e em agências de modelo em Nova Iorque e Los Angeles, e dos eventos nos quais a autora foi responsável pelo *catering* e, assim, se descobriu cozinheira. Todas essas histórias estão repletas de referências culturais relacionadas aos diferentes locais, culturas e ambientes profissionais pelos quais a autora passou, além da linguagem especializada empregada nas receitas culinárias e descrições de pratos típicos apresentadas pela autora, sempre relacionadas a lembranças de família e experiências marcantes. Elas também trazem uma forte carga emotiva, e algumas passagens são carregadas de descrições que transmitem ao leitor a sensação de estar realmente vivenciando o evento narrado pela autora. Por fim, devido à narrativa leve e ao tom coloquial, a escrita de Plunkett-Hogge traz diversas expressões idiomáticas que são fáceis de compreender pelo contexto, mas que, ao serem trazidas para o idioma brasileiro, tornam-se um pequeno quebra-cabeças, envolvendo pesquisas e equivalências. Traduzir esse livro, portanto, constitui um desafio, devido a todos esses elementos citados.

Devido à presença dessa grande quantidade de referências culturais, expressões idiomáticas e termos da culinária em *Adventures of a Terribly Greedy Girl*, desenvolvi um estudo baseado nas minhas experiências ao traduzir parte do livro na disciplina de Estágio Supervisionado de Tradução do Inglês I, que faz parte do curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A tradução foi desenvolvida no semestre 2017/1, sob a orientação da professora Rosalia Neumann Garcia, e abrange os cinco primeiros capítulos do livro, além do prefácio e da linha do tempo apresentada pela autora. Busco neste estudo trazer alguns exemplos que ilustram os desafios de traduzir esses aspectos culturais e linguísticos e as estratégias que escolhi aplicar em cada caso. Trechos do texto original e da minha tradução são apresentados lado a lado, acompanhados de explicações aprofundadas sobre as estratégias de tradução escolhidas, tomando a forma de um relatório analítico sobre tomada de decisão.

Como aporte teórico para este estudo, invoco as contribuições à teoria da tradução por parte de Susan Bassnett (2005), André Lefevere (2005) e Peter Newmark (1981), especialmente no que tange à conceituação da arte tradutória, além de suas prescrições quanto ao tratamento das referências culturais e expressões idiomáticas. Por *Adventures of a Terribly Greedy Girl* ter uma grande

carga cultural, é de extrema importância a discussão da presença do Outro nas narrativas e sua reprodução na tradução. Assim, as discussões aqui apresentadas serão norteadas pelas contribuições dos teóricos Lawrence Venuti (2008), Mônica Cristina Corrêa (2009), Adail Sobral (2003), Michaël Oustinoff (2011) e Javier Franco Aixelá (1996) sobre este tema. Esses teóricos também serão tratados no âmbito das referências culturais, uma vez que a presença do Outro tem forte relação com esse elemento narrativo em particular. Com relação às expressões idiomáticas, a dissertação de Claudia Maria Xatara (1994) é de grande relevância, e será tratada na respectiva seção. Quanto à linguagem especializada da culinária, são abordadas as contribuições de Claudia Bubel e Alice Spitz (2013), Rozane R. Rebechi (2015), Márcia M. Silva e Rozane R. Rebechi (2017) e as noções do funcionalismo tratadas por Christiane Nord (2006).

Acredito que este trabalho encontrará sua base no campo da análise tradutória, em colaboração aos estudos das estratégias de tradução. Também servirá como um auxílio para os tradutores que estão se aventurando na área dos textos culinários, especialmente no gênero textual das *food memoirs*, e que desejem conhecer estratégias e teorias relacionadas ao tratamento das referências culturais, das expressões idiomáticas e da linguagem especializada da culinária. Além disso, *Adventures of a Terribly Greedy Girl* ainda não foi oficialmente traduzido para o português, o que torna o presente estudo um material de relativa novidade, apresentando a história e as estratégias de tradução de um livro que possui grande riqueza linguística e cultural. Ademais, este trabalho analítico também contribuirá para a melhoria da minha própria experiência tradutória: acredito que as teorias estudadas e a análise desenvolvida contribuirão positivamente para o restante da tradução deste livro e permitirão sua retomada, na forma de revisão, agora fundamentada em uma apreciação crítica mais distanciada, temporal – porque já se passaram alguns meses desde que traduzi o texto – e funcionalmente – porque já ampliei minha perspectiva para além de mera tradutora, e coloco-me também como avaliadora, revisora e crítica desse mesmo texto traduzido.

O presente estudo tem como objetivo analisar as características do gênero textual *food memoir* e os desafios que essas características representam no processo tradutório. Este trabalho se inicia com a apresentação da obra e da autora, além de uma abordagem teórica do gênero textual *food memoir*. O referencial teórico é dividido em duas seções: “Tradução e Cultura”, onde são abordados os

conceitos de tradução e a relação do ato tradutório com a preservação, a difusão e o respeito às diferentes culturas; e “Tradução de elementos culturalmente específicos e de linguagem especializada: uma abordagem sintética”, onde são abordadas as visões de diferentes teóricos sobre cada um dos elementos tratados no presente estudo. A análise tradutória é desenvolvida mais adiante, precedida de uma breve explicação da metodologia de análise empregada, e traz exemplos de desafios de tradução sob a forma de referências culturais, expressões idiomáticas e linguagem da culinária presentes no livro. Meu objetivo foi desenvolver uma análise elucidativa o suficiente para que um tradutor possa identificar e se aprofundar sobre as diferentes escolhas tradutórias relacionadas a questões terminológicas, temáticas e enunciativas do gênero textual *food memoir*.

## **2 ADVENTURES OF A TERRIBLY GREEDY GIRL E O GÊNERO TEXTUAL FOOD MEMOIR**

Nesta seção, o livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl: A Memoir of Food, Family, Film & Fashion* e sua autora Kay Plunkett-Hogge são apresentados com mais profundidade. Na sequência, discorro sobre o referencial teórico que considero relevante acerca do gênero *food memoir*.

### **2.1 A AUTORA E A OBRA**

A escritora Kay Plunkett-Hogge nasceu e cresceu na Bangkok das décadas de 1960 e 1970, filha de pai inglês e mãe irlandesa. Ela passou a infância entre duas cozinhas, a tailandesa e a britânica, e sempre esteve envolvida na culinária. Apaixonada também por Moda e Cinema, a autora frequentou a London College of Fashion e a The Academy of Live and Recorded Arts de Londres, e trabalhou em *sets* de filmagens na Tailândia e no Reino Unido, atuando nas mais variadas funções. Trabalhou também como agente de modelos para as famosas agências Models 1, em Londres, e Wilhelmina, em Nova Iorque. Cansada da convivência e das exigências dos modelos, Plunkett-Hogge abandonou a carreira de agente e passou a desenvolver o *catering* de desfiles de moda. Assim, descobriu – ou melhor, reencontrou – sua paixão pela culinária. O convívio com culturas tão diversas, experimentadas de Bangkok a Los Angeles, passando por duas das cidades mais cosmopolitas do mundo, Londres e Nova Iorque, tornaram o conhecimento cultural e as experiências gastronômicas de Plunkett-Hogge algo inigualável. Todos esses desdobramentos da vida de Kay Plunkett-Hogge são narrados na *food memoir* *Adventures of a Terribly Greedy Girl: A Memoir of Food, Family, Film & Fashion*, lançado em 2017.

*Adventures of a Terribly Greedy Girl* funciona, portanto, como uma assumida autobiografia de Plunkett-Hogge, por apresentar os diferentes momentos da vida da autora até a publicação do livro. Nela, Plunkett-Hogge conta suas memórias de forma leve e descontraída, focando nos altos e baixos de suas diferentes experiências e retratando-as de maneira irônica e divertida. Plunkett-Hogge fala sobre sua infância em Bangkok, suas aventuras na cozinha de Yoon, a cozinheira da família, e sobre as tradições familiares britânicas, mantidas e explicitadas

especialmente por sua mãe, que sempre encarou a Tailândia como apenas um lar temporário. A autora narra suas viagens de férias com a família para Hua Hin, uma cidade litorânea paradisíaca, e também fala sobre o período em que morou com seus avós em Londres durante sua fase escolar. Ela conta fatos da vida no internato, como quando as estudantes mais velhas tinham acesso a uma cozinha própria, o que possibilitava que reproduzissem os pratos típicos de suas diferentes culturas de origem. Plunkett-Hogge narra também o trabalho com grandes atores, como John Malkovich e Ray Liotta, nos *sets* de filmagem de produções não tão bem sucedidas de Hollywood. Ela confidencia as agruras do trabalho como *booker* (palavra que a autora odeia, por soar como outra palavra pejorativa da língua inglesa) de modelos. O trabalho em agências extremamente influentes do mundo da Moda exigia aguentar todos os dramas e atender a todos os caprichos dos supermodelos que Plunkett-Hogge agenciava. A autora discorre sobre como entrou para o mundo da culinária, quando passou a fazer o *catering* de desfiles de moda e escreveu seu primeiro livro. Essas são apenas algumas das experiências que a autora narra em sua *food memoir*.

Cada uma dessas histórias e experiências de vida da autora está contida em um dos 31 capítulos que formam o livro. Cada um dos capítulos recebe um título descontraído ou afetuoso, como “From Lewisham to Bangkok... with love” (“De Lewisham a Bangkok... com amor”, tradução livre), “Of time and the seaside” (“Sobre o tempo e o mar”, tradução livre), “A tale of two kitchens” (“Um conto de duas cozinhas”, tradução livre) e “A baguette jambon cru can save your life” (“Um baguete de presunto cru pode salvar a sua vida”, tradução livre), entre outros. Percebe-se que a autora se empenha em demonstrar o lado divertido e emotivo de suas experiências já no título de suas histórias. Além dos 31 capítulos, o livro conta com uma cronologia da vida da autora, isto é, uma linha do tempo dos acontecimentos narrados ao longo da obra. Conta também com agradecimentos e um prefácio escrito pela própria autora, no qual ela discorre sobre o que ela chama “a *omertà* dos jantares. Um ato sagrado envolvendo comida boa e selado com um pouco de vinho derramado no tapete”<sup>2</sup> (PLUNKETT-HOGGE, 2017, p. 8). Plunkett-Hogge garante, em seu prefácio, que as histórias narradas dizem respeito somente a suas próprias experiências, e os nomes dos envolvidos foram alterados, quando

<sup>2</sup> “It is the *omertà* of the dinner table. A sacred thing involving good food and sealed with some wine spilt on the carpet” (PLUNKETT-HOGGE, 2017, p. 8, tradução nossa).

necessário, visando preservar sua integridade. Todos os capítulos são pontuados com pelo menos uma receita relacionada às memórias da autora.

*Adventures of a Terribly Greedy Girl* é um livro de memórias envolvente, descontraído e repleto de referências culturais e gastronômicas. “Este livro celebra uma vida inteiramente não planejada”<sup>3</sup>, como afirma a Octopus Publishing Group (ADVENTURES..., 2017). E este livro é, mesmo, uma celebração da vida, como se pode perceber pela forma vívida e intensa como Plunkett-Hogge narra suas aventuras culturais.

Atualmente, Plunkett-Hogge é consultora culinária de bares, restaurantes e livros de receitas, além de atuar como cronista em diversas publicações, como *The Guardian*, *FT Weekend* e *Thai Airways International*. Também publica receitas em revistas e jornais como *The Times*, *The Independent* e *Hello*. Além disso, Kay Plunkett-Hogge é, obviamente, uma *food writer*, e seu livro *Make Mine A Martini*, publicado em 2014, foi escolhido “livro do ano” na categoria de *drinks* do *Financial Times*.

## 2.2 FOOD MEMOIRS

O gênero textual *food memoir* ainda é pouco explorado no Brasil – os livros que poderiam ser encaixados nessa categoria geralmente ficam misturados aos livros de receitas culinárias ou de teoria gastronômica nas prateleiras das livrarias e nas seções das lojas on-line. Porém, parece existir um movimento de consolidação desse tipo de escrita culinária no país, perceptível pelos lançamentos de livros de memórias de chefs brasileiros, como *Todas as Sextas*, da chef Paola Carosella (Editora Melhoramentos, 2016), e *Alex Atala – Por uma gastronomia brasileira* (Editora BEI, 2005), escrito pelo chef Alex Atala, e de traduções de *food memoirs* estrangeiras, como *Fiori di Zucca – Receitas Inesquecíveis e Memórias Culinárias* (Editora Publifolha, 2014), da chef italiana Valentina Harris, apenas para citar alguns exemplos.

Porém, ainda não existe uma denominação oficial para o gênero textual dessas obras que lidam com memórias relacionadas a experiências gastronômicas.

---

<sup>3</sup> “This book celebrates a life lived entirely unplanned” (ADVENTURES..., 2017, tradução nossa).

A expressão “memórias culinárias” aparece ocasionalmente no título ou na descrição de algumas obras, mas se refere ao conteúdo do livro, isto é, às memórias do autor relacionadas à culinária, e não ao gênero literário em si. Em sua tese de doutorado, Adriana Rodrigues Sacramento (2009) apresenta uma excelente contextualização da escrita culinária na América Latina, e se refere às obras que apresentam memórias culinárias como “estruturas híbridas” (SACRAMENTO, 2009, p.21), sem se arriscar, em nenhum momento, a nomear o gênero textual de que está tratando. Dessa forma, por não haver ainda uma denominação efetiva desse gênero textual, escolhi utilizar o termo *food memoir* em referência à obra de Plunkett-Hogge, tanto por afeição ao termo quanto por acreditar que a utilização da expressão em inglês reflete a ideia de fusão cultural própria desse gênero.

Waxman (2008) apresenta, em seu artigo, as características mais cativantes das *food memoirs*, conforme foi apresentado na introdução. A autora aborda o livro *The Physiology of Taste*, escrito no século XIX por Jean-Anthelme Brillat-Savarin, que fala sobre a importância do sabor para a criação de impressões boas (ou ruins). Ela complementa afirmando que “lembramos e podemos escolher lembrar melhor das coisas que provamos, das sensações ligadas às comidas que estamos comendo no momento em que estamos tendo a experiência”<sup>4</sup> (WAXMAN, 2008, p. 364). Waxman aponta em seguida as razões pelas quais as pessoas costumam apreciar a leitura de *food memoirs*:

As *food memoirs* conquistam cada vez mais nosso respeito conforme reagimos às suas representações de emoções intensas, lembranças prazerosas de experiências alimentares coletivas ou privadas, mensagens de sabedoria familiar e *insights* sobre culturas. Os leitores também são atraídos à prosa vividamente descritiva, emocionalmente dramática e muitas vezes lírica das memórias culinárias.<sup>5</sup> (WAXMAN, 2008, p. 364)

Assim, de acordo com Waxman, a narrativa carregada de emoções, própria das *food memoirs*, possibilita o acesso às memórias pessoais do autor e às experiências culturais vividas, o que torna o texto extremamente atraente para o público leitor.

---

<sup>4</sup> “that is, we remember and can choose to remember best what we have tasted, experiences connected to foods we are eating at the time we are having the experience” (WAXMAN, 2008, p. 364, tradução nossa).

<sup>5</sup> Food memoirs increasingly command our respect as we respond to their depictions of intense emotions, pleasurable recollections of communal and private food experiences, messages of familial wisdom, and insights into cultures. Readers are also attracted to the vividly descriptive, emotionally dramatic, and often lyrical prose of culinary memoirs. (WAXMAN, 2008, p. 364, tradução nossa)

Waxman explica que seu foco no artigo são as *food memoirs* que contam a história de seus autores desde a infância, traçando sua trajetória pela maturidade permeada de experiências culinárias. Sua análise é baseada na construção das identidades dos autores por meio da cultura, da memória, da família e, obviamente, das experiências relacionadas à comida. Waxman utiliza a teoria autobiográfica para explicar a importância desse tipo de narrativa para as relações culturais: "Concordo com Paul John Eakin que a história de uma vida é, ao mesmo tempo, a história de uma família ou de uma comunidade, e que o memorialista muitas vezes 'adota uma postura etnográfica em relação ao mundo de sua infância'"<sup>6</sup> (WAXMAN, 2008, p. 365). Como os focos da análise deste trabalho são as referências culturais e as descrições de comidas e receitas culinárias presentes na narrativa da *food memoir Adventures of a Terribly Greedy Girl* – além das expressões idiomáticas –, essa ideia de fusão entre a própria história do(a) autor(a) com a história da comunidade em que ele ou ela cresceu é um importante ponto de vista que deve ser levado em consideração.

Em seguida, Waxman fala sobre as *food memoirs* que narram a vida de estrangeiros nos Estados Unidos da América. Ela utiliza o termo "culinária de fusão"<sup>7</sup> (WAXMAN, 2008, p. 369) para explicar a mistura de culturas que se origina dessas experiências. A autora cita o exemplo dos judeus vivendo fora de Israel nos tempos da diáspora:

Os textos sobre os desafios [dos imigrantes] de integração à sociedade americana, enquanto tentam manter pelo menos algumas práticas de suas culturas de origem, são fonte de aprendizado para os americanos. Aqueles que imigram para os Estados Unidos, ao buscarem preservar essas práticas culturais tentando replicar a culinária de suas próprias comunidades, acabam introduzindo aos americanos, por meio de restaurantes, mercearias e *food memoirs*, as comidas estrangeiras, dessa forma contribuindo para a culinária de fusão sempre em transformação.<sup>8</sup> (WAXMAN, 2008, p. 369)

---

<sup>6</sup> "I believe with Paul John Eakin that the story of a life is at the same time the story of a family or a community and that the memoirist often 'adopts an ethnographic posture toward the world of his [or her] childhood'" (WAXMAN, 2008, p. 365, tradução nossa).

<sup>7</sup> "*fusion cuisine*" (WAXMAN, 2008, p. 369, tradução nossa)

<sup>8</sup> "Americans learn from these texts about the challenges of assimilating into American society while trying to maintain at least some cultural practices of the birth culture. Because immigrants to the United States want to preserve these cultural practices by trying to duplicate cuisine of their original communities, they wind up introducing Americans, through restaurant foods, grocery stores, and food memoirs, to international foods and thereby contributing to our ever-changing 'fusion cuisine'" (WAXMAN, 2008, p. 369, tradução nossa).

Assim, Waxman afirma que cozinhar e comer são formas de reviver a própria cultura e trazer de volta memórias dos costumes deixados para trás.

A autora também afirma que escrever uma *food memoir* transcultural tem valor terapêutico e atrai e cativa os leitores que possuem pais, avós ou outros antepassados que vieram das culturas narradas. Ela cita o livro *The Language of Baklava*, escrito pela autora de origem jordaniana Diana Abu-Jaber, que não só apresenta receitas culinárias da Jordânia, como também explica de que forma algumas receitas foram recriadas utilizando-se ingredientes americanos. Waxman traz um trecho desse texto que nos ajuda a captar a intensidade e a simplicidade presentes na narrativa de uma *food memoir*:

Ele acha que cozinha e come comida árabe, mas essas nozes não cresceram em solo jordaniano, e essa manteiga não vem de cordeiros da Jordânia. Ele está comendo a sombra de uma memória. Ele cozinha para lembrar, mas quanto mais ele come, mais ele esquece.<sup>9</sup> (ABU-JABER apud WAXMAN, 2008, p. 369)

Assim como esse exemplo do livro de Abu-Jaber, *Adventures of a Terribly Greedy Girl* também apresenta uma grande quantidade de conteúdo emocional, já que a autora fala sobre seus pais, já falecidos, e sobre os esforços em recriar as receitas das comidas de sua infância, geralmente feitas por sua mãe, para que as lembranças ganhem vida. Isso está relacionado com a afirmação de Waxman (2008) de que *escrever* uma *food memoir* pode se tornar uma experiência terapêutica para o autor, especialmente porque a escrita faz com que as memórias venham à tona. Além disso, *ler* uma *food memoir* pode nos ajudar a compreender as lutas e motivações de pessoas de diferentes culturas que vivem longe de sua pátria (WAXMAN, 2008). Portanto, a leitura de uma *food memoir* é um exercício de empatia.

Waxman desenvolve uma seção sobre as dinâmicas psicológicas da vida em família e afirma que as *food memoirs* nos possibilitam compreender a noção de família própria de outras culturas. Ela apresenta os conceitos de imaginação moral e inteligência moral, de Robert Coles, um psiquiatra infantil, e os relaciona com a leitura de *food memoirs*:

---

<sup>9</sup> “He thinks he cooks and eats Arabic food, but these walnuts weren't grown from Jordanian earth and this butter wasn't made from Jordanian lambs. He is eating the shadow of a memory. He cooks to remember, but the more he eats, the more he forgets” (ABU-JABER apud WAXMAN, 2008, p. 369, tradução nossa).

Aqueles que lêem e discutem as representações das famílias nesses textos serão levados a refletir sobre a dinâmica de suas próprias vidas domésticas. A imaginação moral dos leitores – 'nossa capacidade gradualmente desenvolvida de refletir sobre o que é certo ou errado com todas as fontes emocionais e intelectuais da mente humana' (Coles 3) – pode ser ativada, e sua inteligência moral, cultivada. Aplico o sentido do termo 'inteligência moral' de Robert Coles aqui: 'o respeito por outras pessoas assim como por si próprio, a percepção profunda [...] de nossa conexão humana'. A inteligência moral e a imaginação moral são ferramentas extremamente valiosas para a sobrevivência e para a melhoria do mundo. As *food memoirs* podem nos ajudar a desenvolver esses mecanismos.<sup>10</sup> (WAXMAN, 2008, p. 372)

Ou seja, quando lemos sobre a vida, os problemas e as superações de outra família em *food memoirs* ou outros tipos de memórias, acabamos auto-analisando nossas próprias famílias, e nossa inteligência moral é aprimorada.

Waxman continua seu artigo trazendo exemplos de *food memoirs* que abordam diferentes assuntos: americanos que vivem no exterior, famílias monoculturais, famílias disfuncionais, conselheiros culinários, narrativas eróticas de experiências culinárias e narrativas de auto-descobrimto. Em seguida, ela conclui seu artigo listando diversas razões pelas quais as *food memoirs* deveriam fazer parte dos currículos das aulas de Literatura – esses aspectos, entretanto, não são relevantes ao presente estudo. A contribuição de Waxman para este estudo está relacionada a uma das mais importantes características da narrativa das *food memoirs*: as referências culturais. Esses elementos emergem das memórias narradas pelo autor e realçam a presença do Outro no texto, que, conforme será visto mais adiante, é um tópico de grande relevância no campo da tradução.

---

<sup>10</sup> “Those who read and discuss these texts' depictions of families will be moved to reflect on the dynamics of their own home lives. The moral imagination of readers – ‘our gradually developed capacity to reflect upon what is right or wrong with all the emotional and intellectual resources of the human mind’ (Coles 3) - may well be ignited, and their moral intelligence cultivated. I use Robert Coles's sense of the term ‘moral intelligence’ here: ‘respect for other people as well as [one]self, the deep awareness [. . .] of our human connectedness’. Moral intelligence and moral imagination are extremely valuable tools for survival and for the betterment of the world. Food memoirs can help us to develop these tools” (WAXMAN, 2008, p. 372, tradução nossa).

### 2.3 OBJETOS DE ANÁLISE

No presente estudo, são analisados elementos narrativos dos cinco primeiros capítulos do livro *Adventures of a terribly greedy girl* que se mostraram desafios de tradução devido às dificuldades em transpô-los para a língua portuguesa. São referências culturais, expressões idiomáticas e nomes de pratos e de ingredientes típicos das culturas narradas pela autora cujas equivalências e traduções não são óbvias ou de uso corrente e, por isso, demandaram uma busca mais extensa por soluções ao longo do processo tradutório. Esses itens estão relacionados com o gênero textual das *food memoirs* como um todo, uma vez que os elementos culturais, a narrativa informal, em tom de contação de histórias, e a linguagem especializada da culinária são pontos-chave desse tipo de narrativa. Nas próximas seções, será apresentado um panorama da tradução e os focos de diferentes teóricos sobre cada um desses elementos narrativos, visando uma fundamentação teórica para a análise das traduções dos mesmos.

### 3 TRADUÇÃO E CULTURA

O conceito de tradução é multifacetado, cada faceta moldada de forma a se encaixar em uma corrente ou teoria diversa, cujas crenças derivam da Linguística, do Estruturalismo, do Funcionalismo, do Descritivismo, da Literatura Comparada e das demais vertentes e campos de estudo modernos e contemporâneos que atuam sobre a linguagem. No presente estudo, procuro abordar as visões da tradução que defendem o respeito à presença do Outro e ao contexto sociocultural representado no texto de partida. A razão para tanto é que a obra de Plunkett-Hogge consiste primordialmente de conteúdos culturalmente específicos, inseridos na narração das experiências culturais vividas pela autora.

A presente seção trará as considerações acerca da tradução propostas por Susan Bassnett (2005) e André Lefevere (2005), as reflexões sobre a presença do Outro propostas por Lawrence Venuti (2008), Javier Franco Aixelá (1996) e Mônica Cristina Corrêa (2009), além de conceitos e uma visão mais abrangente do ato tradutório segundo Adail Sobral (2003) e Michaël Oustinoff (2011). Serão apresentadas também algumas considerações propostas por Peter Newmark (1981) com relação às consequências do ato tradutório e aos conceitos de linguagem padronizada e não padronizada, inserindo a este referencial teórico um viés estruturalista no que tange ao tratamento do texto traduzido e à classificação dos elementos textuais que serão analisados no presente estudo.

#### 3.1 CONCEITOS DE TRADUÇÃO

Susan Bassnett, em seu livro *Estudos de tradução*, afirma que a tradução tem como núcleo a atividade linguística, mas pertence, como um todo, à área da semiótica, envolvendo os signos e seus sistemas, processos e funções (BASSNETT, 2005, p. 35). A autora explica que a tradução consiste na troca de significado de um conjunto de signos de linguagem para outro, e essa transferência envolve não só o uso de dicionários e gramáticas, como também diversos critérios extralinguísticos (BASSNETT, 2005, p. 35). Ela afirma que, ao se traduzir determinada expressão, sua função – e não suas palavras – deve ser levada em conta. Conforme Bassnett, “todas as traduções refletem as leituras individuais dos tradutores, além de suas

próprias interpretações e seleção de critérios determinados pelo *conceito da função* tanto da tradução quanto do texto original” (BASSNETT, 2005, p. 135, grifo nosso). Bassnett conclui que “o processo de tradução envolve uma decisão de alterar e substituir os elementos linguísticos na língua-meta” (BASSNETT, 2005, p. 43), levando-se em consideração as culturas de partida e de chegada.

Bassnett afirma que a tradução deve enfatizar o leitor (ou o ouvinte), e que o texto de partida deve ser traduzido de forma que a versão da língua de chegada seja correspondente à versão da língua de partida. Ela conclui: “o tradutor não pode *ser* o autor do texto em LF, mas, como autor do texto na LM, tem uma clara responsabilidade moral para com os leitores da LM” (BASSNETT, 2005, p. 45). Fica claro que Bassnett defende a priorização da *função* da tradução em detrimento da *equivalência*.

Por sua vez, André Lefevere, conhecido teórico da tradução, trata, em seu livro *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature* (LEFEVERE, 2005), das diversas estratégias a serem tomadas pelos tradutores para levar diversos elementos textuais de uma língua à outra. Ele afirma, em seu capítulo introdutório, que os tradutores são limitados pelo momento em que vivem, pelas tradições literárias que buscam seguir e pelas diferentes características das línguas com que trabalham (LEFEVERE, 2005, p. 6). O autor também afirma que a língua é o repositório e a forma de expressão de uma cultura (LEFEVERE, 2005, p. 17), e, por essa razão, muitas palavras de um idioma são completamente vinculadas a esta cultura, o que torna muito difícil sua transposição para outra língua. Lefevere explica que isso se deve à força ilocucionária de algumas palavras, isto é, à função que a palavra exerce na língua-fonte, que carrega uma intenção proposta pelo autor ao ser aplicada no texto de partida. O autor chama de nível ilocucionário aquele em que a língua é usada fundamentalmente para causar um efeito (LEFEVERE, 2005, p. 17).

Para a tradução de elementos que fazem parte desse nível da linguagem, Lefevere aconselha que o tradutor avalie o papel de cada elemento ilocucionário no texto como um todo e identifique os dispositivos análogos disponíveis na língua-alvo, sugerindo que os tradutores busquem equivalentes em suas mentes, línguas e culturas (LEFEVERE, 2005, p. 19). O autor também aponta que a dedicação dos tradutores à busca por equivalentes desses termos ilocucionários no processo tradutório pode variar conforme a audiência pretendida (LEFEVERE, 2005, p. 20).

Ou seja, uma tradução terá diferentes “pesos” no conteúdo de termos ilocucionários se a tradução for destinada a adultos, crianças, estudiosos de literatura, etc.

Peter Newmark, por sua vez, define tradução como “um trabalho artesanal que consiste na tentativa de substituir uma mensagem escrita e/ou uma declaração em uma língua pela mesma mensagem e/ou declaração em outra língua”<sup>11</sup> (NEWMARK, 1981, p. 7). Ele prossegue, afirmando que cada ato de tradução envolve algum tipo de perda de significado, e isso se deve a inúmeros fatores. Newmark afirma que a perda mais comum se estabelece no espaço ocupado pelas possibilidades tradutórias entre o excesso de tradução, ou seja, o exagero de detalhes, e a insuficiência da tradução, caracterizada pela generalização em excesso (NEWMARK, 1981, p. 7).

Newmark cita quatro principais desencadeantes de perdas no ato tradutório: (1) as referências culturais ou institucionais específicas do contexto da língua de partida, por meio das quais “há uma inevitável perda de significado, uma vez que a transferência para, ou mesmo a substituição ou troca pela (...) linguagem do tradutor pode ser no máximo aproximada”<sup>12</sup> (NEWMARK, 1981, p. 7); (2) o diferente contexto de cada língua com relação às suas características básicas e às variações sociais, que resultam em diferentes correspondências de formalidade, sentimentos, afetividade, generalizações, abstrações e avaliações – quanto à moralidade, ao prazer, à intensidade e às dimensões – entre uma língua e outra; (3) as diferenças individuais de escrita do próprio autor do texto original e do tradutor, relacionadas às idiossincrasias lexicais e gramaticais e ao estilo próprios de cada indivíduo, que fazem com que algumas expressões tenham um sentido “particular” para o indivíduo que escreve ou traduz; (4) as diferentes significações, crenças e valores próprios do autor e do tradutor – para Newmark, nesse caso, a perda de significado resultante é inevitável, e não necessariamente está relacionada a uma deficiência do texto de partida ou à incompetência do tradutor (NEWMARK, 1981, p. 8). Fica claro o viés estruturalista, voltado para o texto e para as perdas decorrentes da ausência de equivalentes, proposto por este autor. Esses fatores são relevantes mesmo nos casos em que a abordagem desejada para a tradução seja mais voltada para o

<sup>11</sup> “Translation is a craft consisting in the attempt to replace a written message and/or statement in one language by the same message and/or statement in another language” (NEWMARK, 1981, p. 7, tradução nossa).

<sup>12</sup> “there is an inevitable loss of meaning, since the transference to, or rather the substitution or replacement by (...) the translator’s language can only be approximated” (NEWMARK, 1981, p. 7, tradução nossa).

contexto cultural e o respeito à presença do Outro do que para questões de perdas. A prescrição auxilia o tradutor a focar também nas questões mais práticas, relacionadas à escrita e à estrutura textual, não ficando preso apenas às ideologias contidas no texto.

Já Lawrence Venuti (2008) conceitua a tradução como “um processo pelo qual a cadeia de significantes que constituem o texto estrangeiro é substituída por uma cadeia de significantes na língua-alvo, oferecida pelo tradutor a partir de uma interpretação”<sup>13</sup> (VENUTI, 2008, p. 13), uma definição bastante similar à de Bassnett (2005). Ele ainda explica que o significado nunca é único; ele é sempre diversificado, devido às relações e distinções entre os significantes dessa cadeia potencialmente infinita que constitui o texto, que é polissêmica, intertextual e sujeita a infinitas conexões:

Como resultado, um texto estrangeiro é o local de muitas possibilidades semânticas diferentes, que são fixadas apenas provisoriamente em qualquer tradução, com base em diferentes pressupostos culturais e escolhas interpretativas, em situações sociais específicas, em diferentes períodos históricos. O significado é uma relação plural e contingente, não uma essência unificada imutável, e, portanto, uma tradução não pode ser julgada de acordo com conceitos baseados em matemática de equivalência semântica ou correspondências de um-para-um. [...] A viabilidade de uma tradução é estabelecida pela sua relação com as condições culturais e sociais sob as quais é produzida e lida.<sup>14</sup> (VENUTI, 2008, p. 13-14)

Ou seja, Venuti propõe uma visão da tradução a partir da contextualização do texto de partida e do texto de chegada, acrescida das escolhas interpretativas do tradutor, diferente de Newmark, que define tradução como a tentativa de transmitir uma mensagem para outra sem perdas significativas. Enquanto Newmark aponta a interpretação do tradutor como um problema, Venuti a coloca como parte do processo tradutório.

---

<sup>13</sup> “Translation is a process by which the chain of signifiers that constitutes the foreign text is replaced by a chain of signifiers in the translating language which the translator provides on the strength of an interpretation.” (VENUTI, 2008, p. 13, tradução nossa)

<sup>14</sup> “As a result, a foreign text is the site of many different semantic possibilities that are fixed only provisionally in any one translation, on the basis of varying cultural assumptions and interpretive choices, in specific social situations, in different historical periods. Meaning is a plural and contingent relation, not an unchanging unified essence, and therefore a translation cannot be judged according to mathematics-based concepts of semantic equivalence or one-to-one correspondence. [...] The viability of a translation is established by its relationship to the cultural and social conditions under which it is produced and read” (VENUTI, 2008, p. 13-14, tradução nossa).

Javier Franco Aixelá (1996), por sua vez, define a tradução como um processo complexo de reescrita, que mistura duas ou mais culturas e dá origem a um equilíbrio instável de poderes (AIXELÁ, 1996, p. 52). Para o autor, essa balança de poderes depende do peso relativo da cultura de partida na cultura de chegada, aquela que geralmente define como a tradução será desenvolvida. Aixelá cita Gideon Toury para listar os dois requisitos que determinam o “valor” de uma tradução, muitas vezes incompatíveis: assumir o papel de obra literária relevante à cultura de chegada, ocupando um espaço apropriado no polissistema literário designado; e assumir o papel de tradução, ou seja, uma representação de um texto pré-existente em uma língua diversa, diferente da língua de chegada, e ocupar uma posição relevante nessa língua (TOURY, 1980 apud AIXELÁ, 1996, pp. 52-53).

A obra de Plunkett-Hogge apresenta diversas culturas, cada uma delas demarcada por receitas, comportamentos, história e idioma característicos. A autora apresenta com humor e emoção suas experiências nos lugares narrados e suas relações com os habitantes e praticantes dessas culturas. Dessa forma, a presença do Outro, do exótico, é de extrema importância a essa narrativa, e seu apagamento geraria uma perda significativa ao entendimento e aproveitamento de todo o conteúdo que a obra tem a oferecer. Sendo assim, além de compreender como cada teórico aborda o ato tradutório, é importante também conhecer as visões dos teóricos da tradução no que diz respeito ao tratamento das culturas estrangeiras nos textos traduzidos. Esses pontos de vista serão apresentados a seguir, na seção 3.2.

### **3.2 O OUTRO NA TRADUÇÃO**

Adail Sobral, em seu posfácio para o livro *Conversas com tradutores* (2003), define os tradutores como “seres pensantes, criadores, respeitosa mas orgulhosamente visíveis em ‘suas’ obras, não ilegítima mas forçosamente: sem sua criação, os autores não se fazem visíveis” (SOBRAL, 2003, p. 202). O autor defende o papel do tradutor como um *negociador entre culturas*. Ele afirma que o trabalho do tradutor consiste em um dilema entre evitar a imposição do modo de ser de uma determinada cultura, por meio da repetição de palavras e metáforas da cultura de partida, e a imposição do modo de ser de sua própria cultura, de modo a sacrificar o estilo e a explicitação do texto fonte (SOBRAL, 2003, p. 203). Sobral define a razão

de ser do ato tradutório como “dar acesso, incluir, criar laços, aprofundar vínculos, facilitar a compreensão e ampliar o universo vivido dos leitores” (SOBRAL, 2003, p. 203). Ainda para o autor, as traduções palavra-por-palavra perdem o sentido, uma vez que “o discurso não é um amontoado de palavras, mas um todo arquitetônico” (SOBRAL, 2003, p. 208). Sobral discursa sobre o dilema da fidelidade na tradução e o papel do tradutor de manter o Outro no texto traduzido:

(...) para ser fiel ao ‘caráter’ de língua traduzida, é preciso ser infiel ao que há nela de tão peculiar que cause incompreensão na língua para a qual se traduz. Ao mesmo tempo, para ser fiel ao modo de ver o mundo que a língua traduzida traz como contribuição à língua para a qual se traduz, é preciso ser infiel a esta no que ela tem de potencialmente excludente do modo de expressão da língua traduzida. Sem o outro, não se é eu; mas perder-se no outro leva à perda de si mesmo e do outro, porque do contraste nasce o sentido. (SOBRAL, 2003, p. 208)

Ou seja, o tradutor de textos que apresentam alta carga de conteúdo culturalmente específico, como o texto de Plunkett-Hogge, encara desafios diante de escolhas que podem explicitar o Outro ou apagá-lo.

Michaël Oustinoff, por sua vez, afirma que “a tradução é uma operação de natureza dinâmica, nunca estática” (OUSTINOFF, 2011, p. 55), e, dependendo da natureza do texto, o tradutor atuará a favor do texto-fonte ou a favor do texto-alvo, mantendo sempre a ideia de movimento. O autor cita Humboldt: “quando não se sente a estranheza, mas o estranho, a tradução cumpriu seu papel supremo; mas quando a estranheza aparece em si mesma e talvez obscureça até mesmo o estranho, é quando o tradutor deixa escapar que não está à altura do original” (VON HUMBOLDT apud OUSTINOFF, 2011, p. 56). É possível perceber que Oustinoff enfatiza a necessidade da clareza no texto traduzido, tornando a presença do Outro perceptível e compreensível, sem gerar estranhamento para o leitor integrante de outra cultura.

Aixelá (1996) afirma que a tradução consiste em uma questão de dupla lealdade do tradutor, que deve ser fiel às culturas de partida e de chegada. Essa dupla lealdade toma forma em quatro campos de diversidade: o campo da linguística (baseado nos códigos linguísticos, que expressam sistemas arbitrários de significação), o campo da interpretação (baseado no ato individual de ler, que contraria as abordagens científicas da tradução), da pragmática ou intertextualidade (baseado nos tipos de discurso, que variam de uma sociedade para a outra) e da

cultura. Para esse último campo, o autor afirma: “Cada comunidade linguística (...) tem à sua disposição uma série de hábitos, julgamentos de valor, sistemas de classificação, etc., que algumas vezes são claramente diferentes e outras vezes se sobrepõem.”<sup>15</sup> (AIXELÁ, 1996, p. 53).

Conforme Aixelá, a assimetria cultural que existe entre duas comunidades linguísticas fica inevitavelmente refletida no discurso dos membros dessas comunidades e carrega a possível opacidade e não aceitação desses discursos na cultura de chegada (AIXELÁ, 1996, p. 54). Devido às diferenças implicadas pela presença do Outro no discurso, que podem ir de encontro ao modo de ver e viver da cultura de chegada, a tradução conta com estratégias que contornam esses possíveis conflitos de crenças e hábitos, que vão desde a conservação, ou seja, a aceitação das diferenças, até a naturalização (ou domesticação), isto é, a transformação do Outro em uma réplica da cultura-alvo. Segundo Aixelá, “a escolha entre essas estratégias irá mostrar, entre outros fatores, o grau de tolerância da sociedade receptora e sua própria solidez”<sup>16</sup> (AIXELÁ, 1996, p. 54).

Corrêa (2009), por sua vez, aborda a questão das culturas dominantes e de como elas influenciam no tratamento do Outro na tradução. A autora explica que as escolhas tradutórias muitas vezes refletem o “modo de traduzir” escolhido pelo tradutor, e muitas vezes este modo de traduzir é cultural, ou seja, muda de cultura para cultura, de país para país. Portanto, um tradutor brasileiro traduz de maneira diferente à de um tradutor russo, por exemplo. Corrêa explica que, em culturas não hegemônicas, a escolha usual é a explicitação das referências culturais em uma tradução, escolhendo a estrangeirização, enquanto que em culturas hegemônicas é comum ver uma maior quantidade de domesticações nas traduções – uma forma de apagar tudo o que é estrangeiro.

Corrêa desenvolve sobre domesticação e estrangeirização; ela explica que, além da omissão, que pode ser uma escolha ou uma falha do tradutor, o destino usual das referências culturais permanece nessas duas instâncias. Estes destinos baseiam-se primeiramente nas tendências ideológicas de cada cultura, e depois nas tendências ideológicas do próprio sujeito-tradutor, uma vez que o tradutor é um

---

<sup>15</sup> “Each linguistic (...) community has at its disposal a series of habits, value judgements, classification systems, etc. which sometimes are clearly different and sometimes overlap. This way, cultures create a variability factor the translator will have to take into account” (AIXELÁ, 1996, p. 53, tradução nossa).

<sup>16</sup> “The choice between these strategies will show, among other factors, the degree of tolerance of the receiving society and its own solidity” (AIXELÁ, 1996, p. 54, tradução nossa).

elemento inserido no contexto da cultura-alvo e autor de suas próprias escolhas. Ao tradutor são apresentadas duas possibilidades, segundo Corrêa: "(...) conservar o aspecto estrangeiro do texto ou nacionalizá-lo, isto é, encontrar uma referência na cultura de chegada que possa substituir o elemento da cultura de partida" (CORRÊA, 2009, pág. 46). Ela explica que a segunda escolha fará desaparecer completamente a referência original. A autora conclui afirmando a importância do papel dos tradutores como disseminadores de referências culturais estrangeiras. As opiniões de Corrêa referem-se basicamente à interpretação do Outro em traduções, e às vezes suas crenças evidenciam um certo tom político. Mas sua abordagem é relevante para ressaltar a importância de reconhecer o Outro na narrativa e escolher a melhor estratégia para lidar com a Outra cultura, seja apagando-a ou tornando-a explícita, de acordo com a função desejada para a tradução. Suas opiniões são influenciadas pelas de Lawrence Venuti.

O próprio Venuti (2008) vai mais a fundo na abordagem das consequências das escolhas tradutórias e apresenta em seu estudo a noção de *violência da tradução*, que ele define como:

a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que o preexistem na língua e cultura-alvo, sempre configurados em hierarquias de dominância e marginalidade, determinando a produção, a circulação e a recepção dos textos.<sup>17</sup> (VENUTI, 2008, p. 14)

Ou seja, ao se traduzir um texto, seus valores, crenças e representações originais são extraídos e substituídos por aqueles da língua-alvo e da cultura-alvo, pois é essa cultura de chegada que determinará o desdobramento da recepção da tradução. Venuti conclui essa questão afirmando que "a tradução é a substituição forçada das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro por um texto que é inteligível para o leitor da tradução"<sup>18</sup> (VENUTI, 2008, p. 14). Segundo o autor, estas diferenças nunca podem ser completamente removidas, mas passam por redução, exclusão e ganho de possibilidades tradutórias.

---

<sup>17</sup> "the reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs, and representations that preexist it in the translating language and culture, always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of texts" (VENUTI, 2008, p. 14, tradução nossa).

<sup>18</sup> "Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural differences of the foreign text with a text that is intelligible to the translating-language reader" (VENUTI, 2008, p. 14, tradução nossa).

Segundo Venuti, adaptar o Outro ao familiar, ao conhecido, conseqüentemente leva a uma completa “domesticação” do texto estrangeiro. A tradução, conforme Venuti, sempre será limitada pela especificação da audiência a que se destina e pela situação cultural ou institucional do cenário em que o texto traduzido irá circular. Ele explica que, assim como a tradução constrói identidades estrangeiras na língua-alvo, ela também promove o domínio cultural nessa língua, assumindo um papel social e político que influencia na discriminação étnica, nos confrontos geopolíticos, e diversos outros confrontos sócio-políticos (VENUTI, 2008, p. 14). Venuti apresenta então duas possibilidades para se evitar a violência da tradução, nas palavras de Friedrich Schleiermacher, proferidas em uma palestra em 1813 relacionada aos diferentes métodos de tradução: “existem apenas duas [possibilidades]. Ou o tradutor deixa o autor em paz o tanto quanto possível e leva o leitor até o autor; ou ele deixa o leitor em paz, o tanto quanto possível, e leva o autor até o leitor”<sup>19</sup> (VENUTI, 2008, p. 15). Ou seja, Schleiermacher permite ao leitor escolher entre a domesticação, uma redução etnocêntrica do texto-fonte, e a estrangeirização, registrando as diferenças culturais e linguísticas do texto de partida. Segundo Venuti, a estrangeirização reduz a violência etnocêntrica da tradução e dá significado ao texto estrangeiro (VENUTI, 2008, p. 15-16).

Venuti também afirma que esta violência etnocêntrica fica evidente nas teorias de tradução propostas por Eugene Nida, que defende a domesticação por meio da substituição das características da língua-fonte que não são reconhecíveis na língua-alvo por aquelas que o são, buscando gerar um efeito de equivalência na cultura de chegada (VENUTI, 2008, p. 16). Como contraponto às ideias de Nida, Venuti afirma que “o objetivo é, acima de tudo, desenvolver uma teoria e prática de tradução que resista aos valores dominantes na cultura receptora, de modo a dar significado às diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro”<sup>20</sup> (VENUTI, 2008, p. 18).

Podemos então resumir as ideias propostas pelos teóricos aqui apresentados como amparos à presença do Outro, da marca de que o texto foi traduzido, que partiu de um original que possui uma cultura própria, diversa daquela do texto de

<sup>19</sup> “there are only two. Either the translator leaves the author in peace as much as possible and moves the reader towards him; or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author towards him” (VENUTI, 2008, p. 15, tradução nossa)

<sup>20</sup> “The aim is rather to develop a theory and practice of translation that resists dominant values in the receiving culture so as to signify the linguistic and cultural differences of the foreign text.” (VENUTI, 2008, p. 18, tradução nossa)

chegada. Na obra de Plunkett-Hogge, o Outro assume a forma de Outros, de múltiplas culturas registradas pela autora, que tomam a forma de referências culturais impressas no texto. É preciso, ao desenvolver a tradução, atentar para que esses Outros, essas culturas referenciadas em passagens textuais por vezes difíceis de serem traduzidas, não sejam apagadas, uma vez que a intenção da própria autora foi mostrar o quanto essas Outras culturas eram diversas da sua própria. A estranheza sentida pela autora diante de cada situação exótica deve ser transmitida para o leitor; ou seja, deve-se levar o leitor ao autor, permitindo que ele assimile as diversas estranhezas que estão presentes na trajetória.

### **3.3 QUESTÕES PRÁTICAS E CLASSIFICATÓRIAS**

Com relação à tradução de textos em prosa, Bassnett cita o escritor britânico Hilaire Belloc, que elaborou seis regras para os tradutores desse tipo de texto (BELLOC, 1931 apud BASSNETT, 2005, p. 153-154). A primeira diz respeito ao tradutor considerar o texto com um todo e refletir sobre o seu sentido geral; o tradutor deve evitar a tradução palavra-por-palavra. A segunda orientação indica que o tradutor deve traduzir expressões idiomáticas por expressões idiomáticas, ou seja, deve buscar uma expressão na língua de chegada que detenha o mesmo sentido e efeito que aquela expressão da língua de partida. A terceira regra diz que as intenções devem ser representadas na língua de chegada com a mesma intensidade que na língua de partida, o que pode exigir que o tradutor insira algumas informações visando manter o mesmo “peso” da expressão da língua de partida na língua de chegada. A quarta determinação diz respeito aos falsos cognatos, que exigem cuidado e atenção por parte do tradutor para que se evite traduções errôneas. A quinta orientação, estruturada de forma bastante peculiar, diz que a tradução consiste na “ressurreição de um ser alienígena em um ser terrestre” (BELLOC, 1931 apud BASSNETT, 2005, p. 154), ou seja, a transformação do exótico no natural, ou nativo. A sexta e última regra diz que o tradutor não deve fazer alterações no texto por meio de acréscimos. Belloc defende que o tradutor tem o direito de alterar consideravelmente o texto, desde que tenha em mente os princípios relacionados ao estilo e à sintaxe do texto de partida e suas correspondências no texto de chegada, sempre considerando o texto como um todo,

visando preservar sua totalidade semântica (BELLOC, 1931 apud BASSNETT, 2005, p. 154).

Newmark, por sua vez, defende que o tradutor deve considerar todo texto como uma combinação de linguagens padronizada e não padronizada, isto é, terminologia e uso comum, respectivamente (NEWMARK, 1981, p. 16). Segundo o autor, a diferença entre as expressões dessas duas linguagens é que, no caso da padronizada, deve haver apenas um equivalente na língua de chegada, caso exista, que deve ser utilizado no mesmo contexto, isto é, nas mesmas situações e pelo mesmo tipo de pessoa. Já na linguagem não padronizada, geralmente existem inúmeros equivalentes. Newmark afirma que a linguagem não padronizada corresponde ao “trabalho artístico ou artesanal da tradução”<sup>21</sup> (NEWMARK, 1981, p. 16).

Segundo Newmark, a linguagem padronizada consiste, em parte, de terminologias, que exigem mais pesquisa e aprendizado. Estas pesquisas incluem a consulta a imagens, diagramas, dicionários de sinônimos (tesauros) e dicionários bilíngues – no caso desses últimos, o resultado encontrado deve ainda ser verificado em dicionários monolíngues das línguas de partida e de chegada, além de livros de referência da área a que o texto se refere (NEWMARK, 1981, p. 16). Conforme o autor, os termos que forem encontrados apenas nos dicionários bilíngues devem ser descartados, pois muitas vezes esses casos correspondem a palavras obsoletas, raras ou até mesmo inventadas (NEWMARK, 1981, p. 16). Newmark afirma ainda que a linguagem padronizada inclui, além das terminologias, quaisquer expressões de uso comum, como “metáforas, expressões idiomáticas, provérbios, editais, saudações, expletivos, formas comuns de se dizer a data ou o período do dia, dimensões, expressões performativas de formulação reconhecida”<sup>22</sup> (NEWMARK, 1981, p. 16). Para Newmark, que aborda Halliday (1973), deve haver poucas opções para a tradução da linguagem padronizada de textos como boletins meteorológicos, receitas culinárias, jogos, prestações de contas de empresas, atas, relatórios médicos, entre outros (NEWMARK, 1981, p. 16). Newmark conclui: “Os termos invariáveis para o tradutor incluem não apenas os técnicos e científicos, que podem ser supranacionais, e os institucionais, culturais e ecológicos, que podem ser

<sup>21</sup> “that is the art or craft of translation” (NEWMARK, 1981, p. 16, tradução nossa).

<sup>22</sup> “it includes any commonly used metaphor, idiom, proverb, public notice, social phrase, expletive, the usual ways of stating the date or time of day, giving dimensions, performatives expressed in accepted formulae” (NEWMARK, 1981, p. 16, tradução nossa).

nacionais, mas também as expressões características dentro de uma mesma língua”<sup>23</sup> (NEWMARK, 1981, p. 16). Ou seja, os termos culinários, as expressões idiomáticas e as referências culturais a serem analisadas no presente estudo fazem parte do que Newmark define como linguagem padronizada.

---

<sup>23</sup> “The translator’s invariant terms include not only the technical and scientific which may be supranational and the institutional, cultural and ecological which may be national, but also the characteristic expressions within a register” (NEWMARK, 1981, p. 16, tradução nossa).

## 4 TRADUÇÃO DE ELEMENTOS CULTURALMENTE ESPECÍFICOS E DE LINGUAGEM ESPECIALIZADA: UMA ABORDAGEM SINTÉTICA

Conforme apresentado anteriormente, o presente estudo consiste em uma análise tradutória de elementos específicos da obra de Kay Plunkett-Hogge (2017): as referências culturais, as expressões idiomáticas e a linguagem especializada da culinária, especialmente no que tange aos ingredientes exóticos e aos pratos típicos das culturas apresentadas pela autora em *Adventures of a Terribly Greedy Girl*. Esta seção apresenta os pontos de vista de alguns teóricos da tradução acerca dos elementos que são o foco deste trabalho.

### 4.1 REFERÊNCIAS CULTURAIS

Côrrea (2009) apresenta em seu artigo um parágrafo de um livro escrito por Amadou Kouroma, no qual o autor explica, entre parênteses, as referências culturais que empregou em sua narrativa. Nos parênteses, Kouroma explica detalhes não só de sua própria cultura, mas também da cultura em que ele está inserido, aparentemente fazendo isso mais para si mesmo do que para o leitor. Corrêa (2009) acredita que esse ato pode representar a ruptura do "eu" em duas culturas e serve como um reflexo do ato de traduzir referências culturais: a necessidade de separar as duas culturas, a fonte e a alvo, e organizar o que deve ser explicado ou mantido no texto-alvo, fazendo correlações e assimilações. A autora descreve as referências culturais como elementos que possuem múltiplos lados e resultados.

Por sua vez, Aixelá (1996) trata as referências culturais como itens culturalmente específicos (CSIs, do inglês *culture-specific items*), que ocorrem nos textos "por meio de objetos e de sistemas de classificação e medição cujo uso é restrito à cultura de origem, ou por meio da transcrição de opiniões e da descrição de hábitos igualmente estranhos à cultura receptora"<sup>24</sup> (AIXELÁ, 1996, p. 56). Aixelá explica a dificuldade em definir com clareza os CSIs, uma vez que se trata de componentes estritamente culturais, e, "em uma língua, *tudo* é produzido

---

<sup>24</sup> "by means of objects and of systems of classification and measurement whose use is restricted to the source culture, or by means of the transcription of opinions and the description of habits equally alien to the receiving culture" (AIXELÁ, 1996, p. 56, tradução nossa).

culturalmente, inclusive a própria língua”<sup>25</sup> (AIXELÁ, 1996, p. 57). Para o autor, os CSIs dizem respeito às lacunas interculturais presentes em um texto a ser traduzido e resultam de um conflito que surge de qualquer referência do texto de partida que não encontra equivalência na cultura de chegada, ou que assume um valor diferente, seja relacionado à ideologia, ao uso, à frequência, entre outros. O autor dá como exemplo a tradução dos meses do ano quando relacionados ao seu significado para a cultura de origem: abril, por exemplo, na cultura inglesa, é tido como o mês lírico, associado a flores e primavera; para os alemães, essa descrição corresponderia ao mês de maio. Ainda conforme o autor, se o texto que contém essa informação fosse traduzido para uma cultura em que abril é um mês de alta incidência de furacões, a lacuna intercultural seria ainda maior, e teria diferentes implicações (AIXELÁ, 1996, p. 58). Aixelá apresenta, então, um conceito mais completo e definitivo dos CSIs:

Aqueles itens atualizados textualmente cuja função e cujas conotações em um texto de partida envolvem um problema de tradução em sua transferência para um texto de chegada, seja este problema um produto da inexistência do referido item ou de seu diferente status intertextual no sistema cultural dos leitores do texto-alvo”<sup>26</sup> (AIXELÁ, 1996, p. 58).

Aixelá sugere em seguida algumas estratégias de manipulação dos CSIs, separadas entre estratégias de conservação e de substituição e elencadas de menor a maior grau com relação à manipulação intercultural envolvida. Nas estratégias de conservação do item culturalmente específico, Aixelá (1996, pp. 61-62) cita a repetição do CSI (geralmente utilizada para nomes de locais, como Seattle, por exemplo); a adaptação ortográfica do CSI (para encaixá-lo na ortografia da língua de chegada); a tradução linguística, ou não cultural (utilizando-se um denotativo próximo à língua de partida e, geralmente, de uso corrente, como dólares, para o inglês *dollars*); a nota extratextual (quando o tradutor insere uma explicação em forma de nota de rodapé, por exemplo, visando explicitar o significado do CSI); e a nota intratextual (inserida no texto corrido, como um aposto, por exemplo, ou mesmo uma explicação do CSI, ao invés de uma expressão equivalente). No caso das

<sup>25</sup> “in a language *everything* is culturally produced, beginning with language itself” (AIXELÁ, 1996, p. 57).

<sup>26</sup> “Those textually actualized items whose function and connotations in a source text involve a translation problem in their transference to a target text, whenever this problem is a product of the nonexistence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text” (AIXELÁ, 1996, p. 58, tradução nossa).

estratégias que visam a substituição dos CSIs, Aixelá (1996, pp. 63-64) cita a sinonímia (utilizada geralmente para evitar a repetição do item culturalmente específico); a universalização limitada (substituindo-se o CSI por outra referência da cultura de partida que seja mais comum para o público leitor, como a expressão *five grand*, na qual *grand* significa “mil dólares”, traduzida para “cinco mil dólares”); a universalização absoluta (substituindo-se o CSI por uma expressão neutra para as duas culturas envolvidas, como em “*a Chesterfield*”, traduzida para “um sofá”); a naturalização (a substituição do CSI por um objeto ou conceito equivalente próprio da cultura de chegada, excluindo-se a referência à cultura de partida); a omissão (quando o CSI é considerado pelo tradutor como inaceitável na cultura de chegada, ou irrelevante); e a criação autônoma (inserindo-se uma referência cultural que não consta no texto de partida; geralmente é utilizada em títulos de filmes, de acordo com o autor).

Como fatores desencadeantes dessas escolhas tradutórias, Aixelá (1996, pp. 65-66) cita como parâmetros supratextuais (aqueles que estão hierarquicamente acima das escolhas referentes à estrutura e aos elementos do texto propriamente dito): o grau de prescritivismo linguístico de uma cultura; a natureza e as expectativas dos potenciais leitores e/ou daqueles que encomendaram a tradução; e as condições de trabalho, de treinamento e de posição social do tradutor. Com relação aos parâmetros textuais que influenciam as escolhas tradutórias, o autor (AIXELÁ, 1996, pp. 67-68) cita as restrições textuais materiais (imagens acompanhando o texto, por exemplo), as traduções anteriores do texto de partida e a canonização do texto como um clássico. Quanto à natureza do próprio item culturalmente específico, Aixelá (1996, pp. 68-69) cita a influência das traduções pré-estabelecidas dessas expressões (socialmente aceitas), a transparência do CSI (a facilidade na compreensão pelo público-leitor), o status ideológico e as referências a uma terceira cultura ou à própria cultura de chegada do texto, que irão ocasionar diferentes escolhas por parte do tradutor. Com relação aos parâmetros intratextuais, relacionados à função que o CSI assume no texto de partida, Aixelá cita como parâmetros influenciadores das estratégias de tradução: os casos em que constam itens específicos dentro do próprio texto de partida (geralmente acompanhados de uma nota explicativa); a relevância e a recorrência do CSI no texto de partida; e a coerência da escolha tradutória na totalidade do texto de chegada (a utilização da mesma estratégia de tradução nas diferentes ocorrências

do CSI ao longo do texto, ou um bom motivo para sua alteração) (AIXELÁ, 1996, pp. 69-70).

Por sua vez, Lefevere (2005, p. 22) aborda as referências culturais em seu estudo sob a forma de alusões, afirmando que os autores muitas vezes fazem referência a textos conhecidos pelo público em geral ou específicos de uma cultura para explicitar o ponto de vista pretendido. Lefevere afirma que os tradutores devem saber reconhecer estas alusões e decidir se elas devem ou não ser reproduzidas na tradução (LEFEVERE, 2005, p. 22). Ele explica que, se a alusão fizer parte também da cultura de chegada, o tradutor pode escolher mantê-la, e se a alusão for irrelevante à cultura-alvo e não contribuir para a explicitação do ponto de vista do autor, ela poderá ser substituída. A substituição consiste em um desafio para o tradutor, já que envolve a busca por um correspondente coerente (LEFEVERE, 2005, p. 22). Por outro lado, se o tradutor estiver traduzindo para uma língua que não tenha relação com a cultura-fonte, ele deverá decidir entre introduzir a alusão, explicando-a talvez em uma nota de rodapé, omiti-la ou substituí-la por uma alusão que seja natural à cultura de chegada e análoga à alusão original (LEFEVERE, 2005, p. 22).

Segundo Lefevere, as alusões culturais requerem uma familiaridade aprofundada do tradutor com a cultura à qual a língua de partida exerce o papel de repositório e expressão (LEFEVRE, 2005, p. 25). Para o autor, as soluções para esses casos podem ser encontradas em enciclopédias e dicionários específicos e, quando ainda não for o suficiente, por meio de nativos da língua de partida, que possuem a familiaridade necessária para identificar essas referências culturais. Percebe-se que Lefevere apresenta um viés prescritivo, porém voltado para a funcionalidade das expressões culturalmente específicas no texto traduzido.

## 4.2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Claudia Maria Xatara, em sua dissertação de mestrado *As expressões idiomáticas de matriz comparativa* (XATARA, 1994), define as expressões idiomáticas (EIs) de uma língua como “grupos de palavras constituindo uma combinatória fechada, cujo sentido global se destaca imediatamente como próprio desse idioma. Na sua maioria, trata-se de criações linguísticas, de origem popular,

que se vulgarizam e cristalizam” (XATARA, 1994, p. 1). As Els podem ocorrer nos mais diversos tipos de textos, sejam eles livros infantis, gibis, publicações em jornais e revistas, entre outros, e estão presentes nas modalidades oral e escrita. Xatara afirma que as Els traduzem um hábito verbal de uma população e se afirmam primeiramente com sua cristalização quanto ao significado, e depois com a frequência de seu uso. Xatara chama esse processo de lexicalização, tornando a El própria para pertencer a um dicionário de língua (XATARA, 1994, p. 6). A autora discorre sobre alguns problemas relacionados a essa inclusão das Els nos dicionários, próprios da lexicografia, porém não relevantes para o presente estudo.

Xatara afirma que para um não nativo, não basta ter conhecimento extralinguístico e saber associar analogias entre duas culturas; é importante também conhecer as especificidades culturais e as associações naturais de uma expressão (XATARA, 1994, p. 12). Isso vale também para o tradutor, que deve, além disso, saber reconhecer o contexto de uso das Els, no que tange à formalidade ou informalidade, à língua oral ou escrita, ou à neutralidade dessas expressões (XATARA, 1994, p. 13). Xatara cita a hipótese dos linguistas Sapir e Whorf, proposta nos anos 1930, segundo a qual as categorias linguísticas de uma língua que diferem das de outro idioma revelam a visão de mundo desse idioma, ou seja, elas representam uma forma de organizar ou enxergar a realidade que é própria dessa cultura (XATARA, 1994, p. 122). Para Xatara, levando-se em conta apenas esse ponto de vista “não teríamos a possibilidade de traduzir satisfatoriamente os idiomatismos, expressões linguísticas culturalmente construídas, ou seja, típicas de uma determinada cultura, próprias a uma determinada língua” (XATARA, 1994, p. 122). No entanto, a autora explica que é possível encontrar Els semelhantes e/ou válidas entre línguas diferentes – ela considera essas Els como expressões parassinônimas, “por expressarem quase o mesmo recorte conceitual, apesar de provirem de duas línguas distintas” (XATARA, 1994, p. 123). Xatara lida em seu estudo com Els do francês e suas traduções para o português, e as categoriza em três diferentes métodos de tradução: (1) literal mantendo a matriz comparativa (aquelas que apresentam correspondência de formulação na língua de chegada); (2) não literal com matriz comparativa (aquelas que não representam uma tradução literal, mas resgatam a imagem da expressão da língua de partida); (3) tradução de expressões não comparativas (que se aproximam da expressão original, mas que

não necessariamente se constituem em expressões idiomáticas na língua de chegada, sendo basicamente aproximações) (XATARA, 1994, p. 124-127).

Newmark, por sua vez, analisa as metáforas, que muitas vezes dão origem ou assumem a forma de expressões idiomáticas. O autor afirma que possivelmente nenhuma metáfora seja universal, mas propõe sete procedimentos principais para traduzi-las, por ordem de preferência do próprio autor (NEWMARK, 1981, p. 87-91). O primeiro método é reproduzir na língua de chegada a mesma imagem criada pela metáfora na língua de partida, desde que esta imagem tenha frequência e circulação semelhantes em ambas as línguas. Isso vale para expressões como *sunny smile* ou *ray of hope*, exemplos dados pelo autor (NEWMARK, 1981, p. 88) que teriam como correspondentes na língua portuguesa as expressões “sorriso iluminado” e “raio de esperança”, respectivamente (tradução nossa). O autor aponta a dificuldade de traduzir a imagem metafórica de expressões que utilizam animais, uma vez que seu significado pode variar de uma cultura para outra. Ele cita como exemplo os cavalos, que no inglês são vistos como fortes, no francês, saudáveis e diligentes, e no alemão, trabalhadores (NEWMARK, 1981, p. 88). Ou seja, em diferentes culturas, diferentes associações. O segundo procedimento para traduzir metáforas seria substituir a imagem da língua de partida por uma imagem comum na língua de chegada, por exemplo, uma expressão idiomática usada comumente, mas que não necessariamente corresponda àquela da língua de partida. O terceiro método seria traduzir a metáfora por uma paralela na língua de chegada, mantendo a imagem. O quarto procedimento seria traduzir a metáfora por uma similar, e adicionar uma explicação, uma ênfase, para que o leitor compreenda melhor o sentido da expressão. O quinto método seria converter a metáfora para um significado semelhante na língua de chegada, não necessariamente uma metáfora. O sexto método seria a exclusão da metáfora, nos casos em que ela é redundante ou irrelevante; segundo Newmark, esse procedimento só deve ser utilizado após o tradutor definir a função do texto e os elementos que lhe são relevantes ou irrelevantes (NEWMARK, 1981, p. 91). O sétimo e último procedimento seria utilizar a mesma metáfora, caso haja uma equivalente na língua de chegada, acrescida de uma explicação; esse procedimento é utilizado quando o tradutor não acredita na força da metáfora, ou seja, quando existe uma dúvida de se o leitor irá compreender a expressão metafórica (NEWMARK, 1981, p. 91).

Lefevere (2005) também aborda as metáforas em seu estudo e as define como “conceitos normalmente não relacionados que são conectados com o intuito de aumentar a força ilocucionária da passagem, de preferência sem forçar a credulidade ou a noção de propriedade dos leitores”<sup>27</sup> (LEFEVERE, 2005, p. 37). Conforme o autor, somente em última instância o tradutor deverá optar por adaptar ou substituir a metáfora, uma vez que a metáfora tem como propósito causar estranheza, ao introduzir uma comparação exagerada ou peculiar, e exige a flexibilidade da mente do leitor para aceitá-la. Para Lefevere, “pode ser útil que os tradutores considerem os benefícios potenciais do ‘inaceitável’ antes de rejeitá-lo”<sup>28</sup> (LEFEVERE, 2005, p. 37).

### 4.3 LINGUAGEM ESPECIALIZADA: CULINÁRIA

De acordo com Bubel e Spitz (2013), “somos o que comemos, e uma das características centrais de qualquer cultura é a comida com a qual seus membros se nutrem e se satisfazem”<sup>29</sup> (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 157). Segundo as autoras, muitas vezes a comida simboliza a cultura de uma nação, e pratos típicos e seu modo de preparo constituem tradições familiares e representam conjuntos de identidades culturais específicos (p. 157). Elas citam Goodwin (1986) ao afirmar que preparar uma refeição exige conhecimento e experiência, e o ato de cozinhar se constitui em uma cultura por si só (GOODWIN apud BUBEL; SPITZ, 2013, p. 157). Bubel e Spitz afirmam que “as refeições – suas origens, ingredientes e modo de preparo – são uma janela para a cultura”<sup>30</sup> (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 158), e definem cultura como as manifestações dos valores e crenças de uma comunidade específica, firmados por meio de práticas comuns a seus membros (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 158). Esses fenômenos culturais criam significados que só podem ser compreendidos quando relacionados aos valores e às convenções da própria

<sup>27</sup> “Concepts that do not normally belong together are linked in such a way as to increase the illocutionary power of the passage, preferably without overly straining the reader’s credulity or sense of property.” (LEFEVERE, 2005, p. 37, tradução nossa)

<sup>28</sup> “translators might do well to consider the potential benefits of the ‘unacceptable’ before rejecting it” (LEFEVERE, 2005, p. 37, tradução nossa)

<sup>29</sup> “(...) we are what we eat, and one of the central characteristics of any culture is the food its members thrive on and enjoy” (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 157, tradução nossa)

<sup>30</sup> “(...) dishes – their origin, their ingredients and how they are prepared – are a window on culture” (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 158, tradução nossa)

comunidade a que se referem, isto é, os responsáveis por sua difusão e prática. Para as autoras, “um questionamento sobre língua e cultura é, portanto, essencialmente um questionamento sobre significados”<sup>31</sup> (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 158).

Sendo a culinária uma fonte de cultura e, portanto, detentora de significados intrínsecos a uma cultura específica, ela acaba por se constituir em um desafio de tradução quando retratada em um texto, seja ele especializado, como uma receita, por exemplo, seja literário, como a narrativa de uma *food memoir* como um todo. No presente estudo, de caráter analítico, serão estudadas algumas das receitas culinárias e descrições de comidas apresentadas no livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl*, além de trechos da narrativa que apresentam nomes de pratos típicos dos lugares em que a autora viveu, tendo em vista as melhores estratégias tradutórias para esses elementos. Rebecchi (2015) disserta sobre a riqueza de conteúdo presente nas receitas culinárias:

Receitas culinárias constituem fontes para diferentes análises. O tempo despendido para a confecção do prato pode revelar estilos de vida; ingredientes e técnicas descortinam alterações de hábitos alimentares em diferentes épocas; o nível intelectual e social, a faixa etária, o sexo do redator da receita, entre outros aspectos, possibilitam, por exemplo, uma análise sociolinguística. Portanto, as receitas culinárias constituem fontes de pesquisa que extrapolam seu objetivo primeiro, qual seja levar o leitor a preparar determinado prato. (REBECHI, 2015, p. 29)

Rebecchi conclui esse ponto de vista com a citação da chef e *food writer* Ruth Reichl:

Naturalmente, pode-se cozinhar a partir de livros de receitas, mas também é possível ler as receitas buscando as vidas por trás delas. São livros para cozinheiros e curiosos, para historiadores, para as pessoas que acreditam que o que se come, e por quê, é importante. (REICHL apud REBECHI, 2015, p. 29)

Ou seja, as receitas culinárias são o repositório de experiências de vida e da cultura de quem as escreve, que acabam por ser reproduzidas por quem as prepara.

Rebecchi e Silva (2017) afirmam que a culinária por vezes não é considerada como uma área especializada, e, por causa disso, muitas vezes as receitas culinárias são traduzidas por tradutores não especializados, ou mesmo por meio de tradução automática. Isso gera uma deficiência na padronização de equivalentes,

<sup>31</sup> “an inquiry into language and culture then is essentially a quest of meaning” (BUBEL; SPITZ, 2013, p. 158, tradução nossa).

especialmente aqueles culturalmente específicos, além de falta de naturalidade na escrita e erros simples, que geram problemas para a compreensão do leitor (REBECHI; SILVA, 2017, p. 25). Assim, as autoras afirmam que a tradução especializada e a terminologia agregam-se de diversas formas, e que os tradutores fazem uso do léxico terminológico para transpor conhecimentos especializados de uma linguagem e cultura para outra. As autoras ressaltam, porém, que, ainda que a linguagem especializada tenha como objetivo a homogeneização e a desambiguação dos termos especializados, apenas a equivalência tradutória com base na linguagem especializada não é suficiente para evitar equívocos, uma vez que os textos especializados também estão sujeitos ao contexto cultural do texto de partida e de chegada, ou seja, aos valores culturais das culturas produtora e receptora do texto a ser traduzido (REBECHI; SILVA, 2017, p. 25).

Rebechi e Silva (2017) abordam então a visão funcionalista de Christiane Nord, que define que as intenções dos produtores do texto original não garantem uma boa tradução, e o que deve ser levado em consideração é a função do texto-alvo para o seu receptor. Assim, a precisão da tradução depende da observação às expectativas, às necessidades, aos conhecimentos prévios e às condições situacionais do público-leitor. Rebechi e Silva (2017) desenvolvem seu ponto de vista explicitando o caráter especializado, operacional e prescritivo das receitas culinárias, que denunciam a função pretendida para o texto e esperada por seus leitores:

Como qualquer outro texto especializado, uma receita contém especificidades lexicais e sintáticas; por exemplo, o uso de vocabulário especializado como 'xícara', 'colher', 'adicionar'; e combinações de palavras características, como 'picada em cubinhos', 'mexendo sem parar', 'levantar fervura', são imediatamente associadas a esse gênero textual. Ainda, as instruções, geralmente apresentadas por meio de verbos no imperativo como 'mexa', 'deixe', 'misture', ao menos nas línguas portuguesa e inglesa, confirmam a natureza operacional da receita.<sup>32</sup> (REBECHI; SILVA, 2017, p. 104)

Ou seja, para uma receita culinária ser funcional para seu público-leitor, é importante que as características da linguagem especializada desse gênero textual sejam

---

<sup>32</sup> "Just like any other specialized text, a recipe contains lexical and syntactic specificities; for example, the use of specialized vocabulary such as 'cup', 'spoon', 'add'; and characteristic combinations of words, such as 'finely chopped', 'stirring constantly', 'bring to a boil', are immediately associated with the genre. In addition, the instructions, usually presented by verbs in the imperative such as 'stir', 'let', 'mix', at least in Portuguese and English languages, confirm the operational nature of the recipe" (REBECHI; SILVA, 2017, p. 104, tradução nossa).

observadas na tradução, no que tange ao vocabulário especializado, às combinações de palavras e à linguagem prescritiva.

Uma vez que a tradução analisada no presente estudo ainda está em desenvolvimento, é importante salientar que as escolhas tradutórias efetuadas não possuem uma especificidade de público, destinando-se primeiramente à academia e aos estudiosos e tradutores que desejem conhecer mais sobre o gênero textual *food memoir*. Dessa forma, nas traduções das receitas culinárias aqui apresentadas, busco explicitar a cultura de partida do texto, isto é, o contexto sociocultural narrado por Kay Plunkett-Hogge, a autora da *food memoir*. Certamente, em um momento posterior, quando a tradução estiver finalizada e diante de uma possível negociação de publicação, as traduções poderão necessitar de adaptações, a depender do foco escolhido pela editora. No caso de a casa editorial desejar publicar *Adventures of a Terribly Greedy Girl* como uma *food memoir*, uma obra de caráter literário que trata não só sobre culinária, mas sobre cultura em geral, as traduções destas receitas poderão ser mantidas, visto que a ideia é manter o Outro e a estranheza da cultura estrangeira no texto. Porém, se o foco do editorial for a publicação de um livro de receitas, voltado para a prática e o preparo das refeições apresentadas, e não ao entretenimento cultural como um todo, isso exigirá uma adaptação, especialmente no que tange aos ingredientes utilizados nas receitas de Plunkett-Hogge. Estes deverão ser substituídos por itens equivalentes que não alterem a consistência, o sabor, o aroma e a apresentação do prato como um todo, e que sejam, acima de tudo, acessíveis para o público brasileiro, em termos de disponibilidade de compra.

Essa percepção de que as traduções podem sofrer alterações a depender do foco desejado pela editora vão de encontro ao ponto de vista funcionalista apresentado por Christiane Nord (2006). Na visão funcionalista, o foco da tradução é a função que o texto terá na cultura de chegada, e todas as estratégias tradutórias serão guiadas por esse propósito. Esse é o primeiro dos sete princípios básicos da tradução citados pela autora. Nord afirma que “qualquer decisão entre duas ou mais soluções disponíveis para um problema tradutório deve ser guiada por algum tipo de critério ou conjunto de critérios intersubjetivo (ou seja, por uma estratégia)”<sup>33</sup> (NORD, 2006, p. 31). O segundo princípio diz que o cliente, ou aquele que encomenda a

---

<sup>33</sup> "any decision between two or more available solutions to a translation problem must be guided by some kind of intersubjective criterion or set of criteria (i.e. strategy)" (NORD, 2006, p. 31, tradução nossa).

tradução, geralmente define o propósito da tradução no *briefing*; caso este propósito não esteja claro o suficiente, cabe ao tradutor buscar essa informação, seja em experiências prévias e situações similares, seja questionando o cliente ou buscando pistas no próprio material. O terceiro princípio diz que uma tradução que atinge seu propósito é denominada funcional. Segundo Nord,

funcionalidade significa que um texto (neste caso: uma tradução) "funciona" para seus receptores, em uma situação comunicativa particular, da forma como o remetente quer que ele funcione. Se a finalidade for informar, o texto deve oferecer isso de forma compreensível para o público; se o objetivo é entreter, então o texto deve fazer com que seus leitores riam ou, pelo menos, sorrissem.<sup>34</sup> (NORD, 2006, p. 31)

O quarto princípio informa que a funcionalidade não é inerente ao texto: "é uma qualidade atribuída pelo receptor, no momento da recepção. É o receptor quem decide se (e como) um texto 'funciona' (para ele, em uma situação específica)"<sup>35</sup> (NORD, 2006, p. 31). O quinto princípio diz que nunca é possível saber se o texto vai atingir seu propósito, portanto, todo produtor de textos deve utilizar marcadores que demonstrem a função pretendida pelo texto, buscando a cooperação do leitor para a sua compreensão. Estes marcadores podem ser um título, uma formatação, uma lista numerada, o uso de imperativos, ou qualquer chamada ou formatação que indique que o texto deve servir como um manual de instruções, uma manchete ou o modo de preparo de uma receita, por exemplo. O sexto princípio diz respeito à produção de textos, e não especificamente à tradução, e afirma que um texto deve ter um equilíbrio de informações novas e já conhecidas, visando interessar o leitor com as "novidades", sem dificultar a compreensão por meio de um excesso de informações desconhecidas. O sétimo e último princípio da tradução sob o foco funcionalista diz respeito às traduções cujo texto-fonte é distante em tempo ou espaço da cultura-alvo, e afirma que, nesses casos, a função do texto-alvo pode ser diferente daquela pretendida pelo texto-fonte (NORD, 2006, p. 31-32).

Nord conclui seu ponto de vista funcionalista sobre a tradução, afirmando que:

<sup>34</sup> "Functionality means that a text (in this case: a translation) 'works' for its receivers in a particular communicative situation in the way the sender wants it to work. If the purpose is information, the text should offer this in a form comprehensible to the audience; if the purpose is to amuse, then the text should actually make its readers laugh or at least smile" (NORD, 2006, p. 31, tradução nossa).

<sup>35</sup> "It is a quality attributed to the text by the receiver, in the moment of reception. It is the receiver who decides whether (and how) a text 'functions' (for them, in a specific situation)" (NORD, 2006, p. 31, tradução nossa).

a forma com que o texto original se apresenta ao tradutor é um produto das muitas variáveis da situação (tempo, lugar, meio, destinatários) em que se originou, enquanto a maneira como esta forma é interpretada e entendida pelo tradutor, ou qualquer outro receptor, é guiada pelas variáveis da nova situação de recepção.<sup>36</sup> (NORD, 2006, p. 32)

Ou seja, a tradução sempre estará sujeita à interpretação do tradutor tanto das variáveis de tempo e espaço em que o texto foi produzido, quanto daquelas nas quais o ato tradutório tomará forma. Nord completa: “os métodos e estratégias a serem escolhidos são parte integrante da competência profissional do tradutor e, por sua vez, são a base para a fidelidade e a confiança entre o tradutor e seus parceiros de interação na mediação intercultural”<sup>37</sup> (NORD, 2006, p. 32). Sendo assim, o tradutor deve filtrar tudo aquilo que lhe foi recebido do contexto de produção do texto original visando atender aos propósitos da tradução, conforme as orientações que lhe foram passadas.

---

<sup>36</sup> “the form in which the source text presents itself to the translator is a product of the many variables of the situation (time, place, medium, addressees) in which it originated, while the way this form is interpreted and understood by the translator, or any other receiver, is guided by the variables of the new situation of reception” (NORD, 2006, p. 32, tradução nossa).

<sup>37</sup> “The methods and strategies to choose from are part and parcel of the translator’s professional competence, and this, in turn, is the basis for loyalty and trust between the translator and her/his interaction partners in intercultural mediation” (NORD, 2006, p. 32, tradução nossa).

## 5 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Esta seção apresenta a metodologia empregada na análise da tradução da *food memoir* *Adventures of a Terribly Greedy Girl*. Conforme exposto anteriormente, o objetivo do presente estudo é analisar os principais aspectos narrativos do gênero textual *food memoir* e os desafios que eles representam para o processo de tradução. Os primeiros passos para esse objetivo foram cumpridos: a obra e o gênero textual *food memoir* foram apresentados (seção 2) e as teorias que baseiam as escolhas tradutórias para os diferentes elementos narrativos desse tipo de texto foram abordadas nas seções 3 e 4. Explorar a obra, o gênero textual e os elementos que os caracterizam, bem como as teorias que fundamentam as possibilidades tradutórias destes elementos, é de grande importância para guiar a análise, servindo como uma base sólida de teoria que sustenta o estudo analítico desenvolvido, proporcionando-lhe clareza, coerência e consistência.

O próximo passo do estudo é a análise. Minha intenção foi trazer alguns trechos que exemplificam os diversos desafios encontrados ao longo da tradução de parte do livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl*. Os trechos seguem a sequência de fatos do próprio livro e foram escolhidos pela riqueza de conteúdo tradutório presente em cada um. Neles, são apontados em negrito os principais desafios à tradução. Os pontos marcados são referências culturais que exigiram uma pesquisa mais aprofundada para serem compreendidas e transpostas para a língua portuguesa, expressões idiomáticas que exigiram maior conhecimento da língua-fonte e a busca por significados e soluções em diversos meios, e os termos da culinária que se mostraram desafios por não possuírem equivalentes ou não serem conhecidos no contexto da culinária brasileira.

Os trechos são apresentados em quadros de duas colunas, nos quais o texto original é apresentado à esquerda, e minha tradução é mostrada à direita. A análise é apresentada nos parágrafos que seguem estes quadros, e se baseia nas palavras e expressões grifadas em negrito em ambos os textos (original e tradução). A análise dos trechos consiste na explicação das minhas escolhas tradutórias e a associação destas escolhas com as teorias e conceitos apresentados nas seções 3 e 4 deste estudo.

## 6 ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Esta seção apresenta a análise da tradução de trechos selecionados da *food memoir Adventures of a Terribly Greedy Girl*, conforme abordado anteriormente. O texto original e a tradução são apresentados lado a lado em quadros de duas colunas: à esquerda consta o texto original e à direita consta a minha tradução para o respectivo trecho.

### 6.1 REFERÊNCIAS CULTURAIS

A seguir são apresentados cinco trechos do livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl* que contêm referências culturais que se mostraram desafiadoras no momento de sua tradução para a língua portuguesa. Cada trecho é seguido de uma análise das minhas escolhas tradutórias fundamentada no referencial teórico no qual se baseia o presente estudo.

#### 6.1.1 *Born within the sound of Bow Bells*

<p>Mum was born in Northern Ireland, the daughter of a drum major in the Yorks and Lancs regiment who'd joined the army at just 15. Dad was a Londoner <b>through and through, born within the sound of Bow Bells</b>, the son of a tannery worker (who, literally, had to taste shit for a living) and a seamstress.</p>	<p>Mamãe nasceu na Irlanda do Norte, filha de um maestro de banda marcial do regimento de York &amp; Lancaster que entrou para o exército com apenas 15 anos. Papai era londrino <b>de raiz, nascido na área central de Londres</b>, filho de um trabalhador de curtumes (que, literalmente, vivia de comer merda) e uma costureira.</p>
---	--

Este trecho, na verdade, conta com dois elementos que são tratados no presente estudo: uma expressão idiomática (“through and through”) e uma referência cultural (“born within the sound of Bow Bells”). A expressão idiomática “through and through” é fácil de compreender para quem tem certo nível de conhecimento da

língua inglesa, porém traduzi-la no contexto desta narrativa não é tão simples. Em princípio, traduzi como “londrino por inteiro”, pois fiquei um pouco receosa de utilizar uma gíria na tradução – havia me passado pela cabeça a expressão coloquial “de cabo a rabo”. Quando apresentei o caso na reunião do estágio supervisionado, a professora-orientadora sugeriu a expressão “londrino de raiz”, que eu considerei muito boa, pois, além de ter a mesma função e passar a mesma mensagem ao leitor, sendo utilizada para designar algo “autêntico”, é também uma expressão já consagrada na língua portuguesa, constando, por exemplo, no Dicionário Aulete: “De raiz: 1 *Fig.* Diz-se de, ou ref. a manifestação cultural popular considerada autêntica, ou diretamente ligada a determinado grupo ou tradição original (samba de raiz; repentista de raiz)” (RAIZ, 2017).

Já a expressão “born within the sound of Bow Bells” se encaixa na definição de *Cultural Specific Item* (CSI), ou item culturalmente específico, dada por Javier Franco Aixelá (1996) e tratada no referencial teórico do presente estudo (seção 3). Essa expressão de origem britânica se refere àqueles nascidos na região central de Londres, onde se pode ouvir o badalar dos sinos da igreja Saint Mary le Bow, os famosos Bow Bells. Não temos como traduzir isto por meio de uma expressão equivalente sem tirar o contexto londrino da narrativa. A solução que encontrei foi omitir a expressão e substituí-la pelo seu significado, fazendo o que Aixelá define como nota intratextual<sup>38</sup> (AIXELÁ, 1996, p. 62), ou seja, a substituição da expressão por uma explicação, ao invés de uma expressão equivalente, para facilitar a compreensão do leitor. Assim, acrescentei de forma clara e direta a definição “nascido na área central de Londres”. Neste caso, fiz o que Oustinoff (2011) definiria como um movimento pró-alvo, visando ao entendimento do público-leitor, e compactuando com as ideias de Schleiermacher, nas palavras de Venuti (2008), de levar o autor até o leitor por meio de uma explicação do conteúdo original.

---

<sup>38</sup> “Intratextual gloss” (AIXELÁ, 1996, p. 62; tradução nossa).

### 6.1.2 *The one who had kissed the Blarney Stone*

<p>People forget that extraordinary social mobility was possible in those 20 years after the war, even despite the ossified British class system. While Mum was the Irish one, Dad was <b>the one who had kissed the Blarney Stone</b>. He took a job in a small south London engineering company, put himself through night school and landed a better job at Ford in Dagenham, where his gift of the gab soon saw him on the sales team, travelling to Big Ford Central in Michigan, then on to Australia and beyond.</p>	<p>As pessoas esquecem que uma mobilidade social incrível era possível naqueles 20 anos após a guerra, mesmo com o estagnado sistema de classes britânico. Apesar de mamãe ser a irlandesa, foi papai <b>quem beijou a Blarney Stone</b><sup>3</sup>. Ele arranhou um emprego em uma pequena firma de engenharia no sul de Londres, se matriculou na escola noturna e conseguiu um emprego melhor na Ford de Dagenham, onde sua lábia logo o levou para a equipe de vendas, e daí a viajar para a grande central da Ford em Michigan, para a Austrália e além.</p> <p><sup>3</sup> Pedra de Blarney, na Irlanda, conhecida como Pedra da Eloquência. Diz-se que quem beija a Blarney Stone adquire o dom da bajulação.</p>
---	--

Este também é um caso de item culturalmente específico (CSI), já que a Blarney Stone é um elemento cultural da Irlanda e também o nome de um ponto turístico do país. Aixelá (1996) afirma ser usual para os tradutores a repetição do CSI na tradução quando se trata de um topônimo, mantendo o máximo possível da expressão original (AIXELÁ, 1996, p. 61). Porém, Aixelá também afirma que essa repetição, que seria considerada “respeitosa”, pode gerar uma estranheza maior no leitor, devido ao uso do idioma estrangeiro e ao distanciamento cultural (p. 61). Escolhi manter a referência à Blarney Stone em vez de domesticá-la, já que a presença desse CSI se encaixa muito bem no contexto da narrativa de Plunkett-Hogge: seu pai é inglês e sua mãe é irlandesa; assim, manter os elementos culturais no texto é uma forma de respeitar as raízes da autora e manter na tradução o multiculturalismo do texto original. Porém, adicionei uma nota de rodapé informando ao leitor do que se trata a Blarney Stone. Tive dois motivos para tanto: o primeiro é que a autora possivelmente não adicionou em sua própria narrativa a explicação por

seu público-alvo ser, em sua maioria, britânico; a referência à Blarney Stone como “pedra da eloquência” para eles provavelmente é muito mais clara. O segundo motivo é facilitar ao leitor brasileiro o entendimento dessa passagem. O estranhamento, mencionado por Aixelá (1996), irá ocorrer, pois o termo está lá, como uma bandeira demarcando o Outro no texto. A nota de rodapé serve para confortar o leitor com uma informação que amenize o estranhamento, sem que a referência cultural seja perdida. Ainda que fosse possível deixar o trabalho de buscar a informação para os leitores mais curiosos, a pesquisa por “Blarney Stone” no Google resultaria, em grande parte, em resultados em inglês, o que dificultaria essa busca por esclarecimentos. Como é uma informação interessante, principalmente para entender a ironia da autora nessa passagem, preferi acrescentá-la, explicando o que é a Pedra de Blarney e o que acontece com quem a beija.

### 6.1.3 *Gls, Hostess foods, Americana e Glen Campbell*

To me, early-'70s Bangkok was a wonderland. **Gls** gave me doughnuts and **Hostess foods – Twinkies, Ding Dongs and Ho Hos** – fake cakes with fake cream which, at eight, I thought were marvellous. Restaurants cropped up everywhere to cater to their needs. And Bangkok was **shot through with Americana** – right down to Dad singing **Glen Campbell** songs with his guitar – which meant the arrival in town of that perennial favourite of the boys in fatigues, Mexican food.

Para mim, a Bangkok do início dos anos 70 era o país das maravilhas. Os **soldados americanos** me davam donuts e produtos da **marca Hostess – Twinkies, Ding Dongs e Ho Hos** – bolinhos artificiais com recheios artificiais que, aos oito anos, eu achava maravilhosos. Restaurantes surgiam em todos os lugares para atender às demandas dos soldados. E Bangkok estava **carregada de Americana**<sup>4</sup> – chegando ao ponto de papai cantar as músicas de **Glen Campbell** com seu violão; conseqüentemente, estava chegando à cidade a eterna favorita dos meninos de farda: a comida mexicana.

<sup>4</sup>Americana é a palavra usada para descrever qualquer produto cultural relacionado aos Estados Unidos.

É possível identificar diversas referências culturais nesse parágrafo do texto: referências ao exército (“GIs”, “boys in fatigues”), a doces americanos (“Twinkies, Ding Dongs and Ho Hos”), à cultura americana (“shot through with Americana”, “Glen Campbell”) e até mesmo à comida mexicana! Para alguns desses casos escolhi a estratégia da estrangeirização, deixando para o leitor a escolha de buscar mais informações ou simplesmente reconhecer as palavras estrangeiras e seguir adiante no texto. Esse foi o caso da referência a Glen Campbell, músico e apresentador norte-americano, e das marcas de doces. Nesses casos, a inserção de uma nota intratextual para cada referência, explicando do que se trata cada produto, por exemplo, quebraria o ritmo da leitura e passaria ao leitor a impressão de estar lendo um material informativo, e não um livro de memórias.

A expressão “Americana”, por outro lado, é mais difícil de compreender, já que o contexto não dá indicações sobre seu significado, e a palavra pode até mesmo parecer conter um erro tipográfico – o leitor pode entender que se trata de “americanos”, por exemplo, o que faria sentido no contexto. Assim, escolhi manter a palavra “Americana” e adicionar uma nota de rodapé explicando seu significado, o que Aixelá (1996) denominaria nota extratextual. Escolhi usar uma nota de rodapé principalmente por se tratar de um termo relacionado a um movimento cultural e ser, portanto, uma informação relevante para uma narrativa como a de Plunkett-Hogge, que busca apresentar ao leitor diferentes manifestações culturais.

A sigla “GIs”, por sua vez, exigiu um pouco mais de pesquisa – GI significa atualmente *general issue* ou *government issue*, e se refere a tudo o que é relacionado ao exército americano e aos próprios soldados americanos, especialmente durante a segunda guerra mundial. O termo já teve uma conotação ruim, pois sua origem vem do ferro galvanizado (*galvanized iron*, em inglês), e dizia respeito à dureza e grosseria dos soldados americanos (RAWSON, 2006). Hoje, porém, constitui um termo bastante comum, que abrevia a referência aos militares dos Estados Unidos em manchetes de jornais, nomes de filmes e denominações de heróis de guerra. Escolhi utilizar apenas “soldados americanos” na tradução, uma vez que a função de “GIs” no texto é justamente se referir a esses soldados. Esse movimento ocasiona uma pequena perda na especificidade da referência cultural utilizada por Plunkett-Hogge, já que *GI* é um jargão do exército bastante disseminado na língua inglesa. Porém, não temos na língua portuguesa uma sigla

ou gíria que se refira especificamente aos soldados dos Estados Unidos, e a repetição de “GIs” geraria estranheza aos leitores brasileiros.

#### 6.1.4 *Mr. Fix-It, Don Draper e Vitalis*

<p>Chamnong was Dad’s <b>Mr. Fix-It</b>, a slender Thai man of about Dad’s age with fine, <b>Don Draper</b>-style hair slicked back with <b>Vitalis</b>.</p>	<p>Chamnong era o <b>faz-tudo</b> do papai, um esguio tailandês mais ou menos da mesma idade de papai com um belo cabelo estilo <b>Don Draper</b> alisado para trás com <b>Vitalis</b>.</p>
--	---

Neste trecho também são identificados dois tipos de elementos abordados neste estudo. O primeiro é a expressão idiomática “Mr. Fix-It”. De acordo com o Dictionary.com, “Mr. Fix-It” é “uma pessoa que reconhecidamente conserta e repara utensílios, como eletrodomésticos”<sup>39</sup> (MR. FIXIT, 2017, tradução nossa). Em português, temos uma expressão similar, “faz-tudo”, o “indivíduo que vive de consertar objetos domésticos e fazer outros pequenos consertos”, de acordo com o Dicionário Aulete (FAZ-TUDO, 2017). Como afirma Bassnett (2005), nos casos em que existem expressões idiomáticas que causam o mesmo efeito em ambas as línguas de trabalho, uma expressão idiomática é substituída por outra. “Esta substituição não é feita com base nos elementos linguísticos da frase (...), mas no funcionamento da expressão. A frase na LF é substituída por uma na LM que tenha o mesmo significado na cultura da LM.” (BASSNETT, 2005, p. 46). Decidi usar essa expressão, já que ela possui o mesmo significado e função da expressão original.

O segundo tipo de elemento que podemos analisar neste trecho são as referências culturais, em conformidade com a presente seção. A primeira referência é o nome Don Draper, que se refere a um personagem fictício da série de TV americana *Mad Men*, interpretado pelo ator Jon Hamm. Neste caso, decidi manter o nome do ator, sem buscar uma substituição por um personagem brasileiro, pois a série *Mad Men* é bastante conhecida no Brasil, e os leitores curiosos que não reconhecerem seu nome irão facilmente descobrir quem é Don Draper por meio de

<sup>39</sup> “a person who characteristically repairs or tinkers with things, as household appliances” (MR. FIXIT, 2017, tradução nossa).

uma busca no Google, por exemplo. Esse movimento se encaixa no conceito de Lawrence Venuti (1995) de estrangeirização, já que não sacrifica uma das mais notáveis características da narrativa de Plunkett-Hogge, o uso de elementos culturais para exemplificar suas histórias. Dessa forma, o texto original tem sua essência preservada no texto alvo.

Outra referência cultural que podemos identificar neste trecho é o nome Vitalis. Vitalis é um tônico capilar clássico produzido pela Bristol-Myers desde os anos 1940 até hoje. Podemos entender seu significado pelo contexto do trecho – o cabelo é alisado para trás com a ajuda desse produto. Escolhi deixar o nome original do produto em vez de domesticá-lo na tradução por duas razões: a primeira é que no Brasil não temos um tônico capilar cujo nome seja referência na categoria – algo que ocorre com outros produtos de áreas diversas, como Gillette ou Mijojo; a segunda razão é que, mesmo se houvesse uma marca de referência entre os tônicos capilares no Brasil, seria estranho dizer que um personagem de uma série de TV americana utiliza um produto brasileiro cujo nome só é conhecido para a audiência brasileira. Portanto, decidi manter o produto original do texto fonte, já que seu significado é facilmente compreensível pelo contexto da narrativa.

### 6.1.5 Títulos de capítulos

And a Turkey in a Palm Tree...	E um peru em uma palmeira...
A Funny Thing Happened on the Way to the Kitchen	Nem te conto o que me aconteceu no caminho para a cozinha

Como dito anteriormente, a narrativa de Plunkett-Hogge é permeada de referências à cultura popular, que pertencem à ampla categoria de referências culturais. Por exemplo, alguns capítulos fazem brincadeiras com nomes de filmes e trechos de músicas, como é o caso dos dois títulos apresentados acima. O segundo capítulo de *Adventures of a Terribly Greedy Girl* se chama “And a Turkey in a Palm Tree”. A princípio não reconheci a referência, e foi a professora-orientadora que me

mostrou de onde ela vinha: uma canção natalina clássica inglesa chamada *The Twelve Days of Christmas*, que tem por característica ser uma canção cumulativa, ou seja, os versos são repetidos diversas vezes, e a cada vez novas informações são introduzidas. Os primeiros versos da canção são os seguintes: “On the first day of Christmas my true love sent to me a partridge in a pear tree” (AUSTIN, 1909). Neste caso, “a partridge in a pear tree” significa “uma perdiz em uma árvore de peras”. A brincadeira é clara entre “a partridge in a pear tree” e “a turkey in a palm tree”. Porém, isso se transforma em um CSI no momento da tradução: essa canção não é conhecida no Brasil, e o público brasileiro teria dificuldades em entender a expressão se fosse deixada em inglês. Escolhi passá-la para o português, em uma tradução literal, com a consciência de que a referência cultural se perde por completo, e o título deste capítulo passa a ser apenas uma introdução à história que será contada: “E um peru em uma palmeira...”. A autora de fato narra um episódio em que um peru, que deveria ter sido o jantar de Natal de sua família, foi visto sobre uma palmeira da casa de seus vizinhos na Tailândia após sua fuga. Infelizmente, em alguns casos, é preciso abrir mão de algumas referências culturais para que o contexto da narrativa seja respeitado.

Por sua vez, o capítulo número quatro de *Adventures of a Terribly Greedy Girl* é chamado “A Funny Thing Happened on the Way to the Kitchen” e apresenta um jogo de palavras com o título de um filme de 1966 chamado *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum*. Este título também representa um problema de tradução para o português brasileiro. No Brasil, o filme foi lançado com o nome *Um Escravo das Arábias em Roma*, sem qualquer relação com o título em inglês ou com a brincadeira que Plunkett-Hogge faz no nome do capítulo. Ele também torna difícil fazer qualquer relação com a culinária. Minha escolha, neste caso, contou novamente com o auxílio da professora-orientadora, que sugeriu traduzir o título do capítulo para o português procurando colocar um tom de humor. A versão final ficou “Nem te conto o que me aconteceu no caminho para a cozinha!”. Apesar de a referência ao filme ser totalmente perdida, foi possível utilizar uma expressão idiomática bastante popular no Brasil (“Nem te conto...”), soando como uma fofoca ou algo divertido prestes a ser contado. Escolher a estrangeirização, neste caso, mantendo o título em inglês, não funcionaria, pois o leitor brasileiro teria dificuldade não só para entender o idioma, mas também para associar com o filme, já que no Brasil ele foi lançado com um nome muito diferente. Minha escolha foi manter a

função do título, que é criar uma atmosfera divertida para os eventos que serão narrados, e domesticá-lo com uma expressão idiomática.

## 6.2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

A seguir são apresentados cinco trechos do livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl* que contêm expressões idiomáticas que se mostraram desafiadoras no momento de sua tradução para a língua portuguesa. Cada trecho é seguido de uma análise das minhas escolhas tradutórias fundamentada no referencial teórico no qual se baseia o presente estudo.

### 6.2.1 *Make a run for it*

<p>And three large turkeys exploded through the doors, gobbling for their lives. The dogs went wild. The cats ran for cover. Feathers and food stalls went flying as, alive and thrilled at a last-ditch chance of freedom, Christmas dinner <b>made a run for it</b>.</p>	<p>E três grandes perus voaram porta afora, gorgolejando por suas vidas. Os cachorros ficaram loucos. Os gatos se esconderam. Penas e barracas de comida voavam enquanto o jantar de Natal <b>fugia para as montanhas</b>, vivo e extasiado pela chance de se libertar.</p>
--	---

De acordo com o Cambridge Dictionary, a expressão *make a run for it* pode ser definida como “inesperadamente começar a correr para escapar de algum lugar”<sup>40</sup> (MAKE..., 2017). A melhor tradução que encontramos, eu e minha professora-orientadora, foi a expressão “fugir para as montanhas”, que tem uma conotação divertida que se encaixa no contexto da narrativa tanto em termos de ironia quanto de significado. Essa tradução está de acordo com uma das sugestões de Newmark (1981) relacionada às metáforas, que sugere substituir a imagem da língua de partida por uma imagem comum na língua de chegada, como uma expressão idiomática usada comumente. Neste caso, foi importante observar a

<sup>40</sup> to suddenly start running in order to escape from somewhere” (MAKE..., 2017, tradução nossa).

função e o significado que a expressão original assume no texto, visando transmitir ao leitor a mesma mensagem pretendida pela autora, porém utilizando uma expressão idiomática própria da língua portuguesa. A expressão “fugir para as montanhas” sugere uma fuga para muito longe, e o mais rápido possível. Ou seja, uma ótima saída para um peru que pretende escapar de seu destino fatal: ser assado para a ceia de Natal.

### 6.2.2 *A rough ride*

<p>Sally, Gran, was an Ulster woman through and through. Small, tough and uncompromising. Not the warmest woman, if I'm honest, and she gave my grandfather <b>a pretty rough ride</b>. But she was good to me.</p>	<p>Sally, a vovó, era uma mulher típica de Ulster, de raiz. Pequena, durona e teimosa. Ela não era muito amável, para ser sincera, e fez meu avô <b>passar por maus bocados</b>. Mas ela era legal comigo.</p>
---	--

Esta expressão idiomática também é bastante simples, se pensarmos em sua tradução literal: um trajeto difícil, complicado. Temos, na língua portuguesa, uma expressão que resume bem esta ideia: passar por maus bocados. Do ponto de vista do contexto da expressão, ou seja, levando-se em consideração sua função, o que a autora pretende dizer é que sua avó causou infortúnios ao seu avô ao longo de sua convivência. Por isso, para a tradução, uma vez que a expressão original é “gave my grandfather a pretty rough ride”, traduzi por “fez meu avô passar por maus bocados”. Uma tradução literal, utilizando “deu” para o inglês “gave”, não estaria de acordo com o uso frequente da expressão “maus bocados”, que comumente vem acompanhada do verbo “passar”. “Pretty”, que neste contexto assume o papel de advérbio de intensidade, torna-se desnecessário na tradução, uma vez que “maus bocados” já sugere uma situação extrema de desconforto ou infortúnio. Esta escolha tradutória compactua com a orientação de Belloc, apresentada por Bassnett, que afirma que o tradutor deve traduzir expressões idiomáticas por expressões idiomáticas e “expressões dessa natureza exigem tradução para uma forma diferente daquela do original” (BELLOC apud BASSNETT, 2005, p. 153). Para o

autor, a tradução literal pode gerar expressões até mesmo cômicas no texto de chegada.

### 6.2.3 *Steadying food*

<p>And she could cook. Hers was that basic, <b>steadying</b> British cookery that didn't wear any bells or whistles, but comforted and satisfied in equal measure.</p>	<p>E ela sabia cozinhar. A comida dela era aquela britânica básica e <b>de sustança</b>, sem frescuras, mas que confortava e satisfazia da mesma forma.</p>
--	---

Esta expressão é simples, mas exigiu um pouco de pesquisa para encontrar um bom equivalente na língua portuguesa: “steady” significa “firme em uma posição ou lugar; fixo”<sup>41</sup> e também “confiável; seguro”<sup>42</sup> (STEADY, 2017). “Steadying”, por sua vez, significa “fazer ou se tornar firme”<sup>43</sup> (STEADYING, 2017). Ou seja, essa expressão se refere a uma comida que mantém a pessoa alimentada por bastante tempo. Logo me veio em mente a expressão “de sustança”, bastante usada em contextos familiares. Em princípio, fiquei em dúvida se esta era uma forma aceita na norma da língua portuguesa, ou se era uma expressão própria da língua falada. Ao buscar no dicionário, fiquei surpresa por encontrar justamente o significado pretendido: “sustância 1. O que alimenta, robustece; que sacia a fome; SUBSTÂNCIA 2. P.ext. Força, vigor, energia física [F.: Do lat. substantia, ae.]” (SUSTÂNCIA, 2017). Para o verbete “sustança” consta “o mesmo que sustância” (SUSTANÇA, 2017), no mesmo dicionário. Escolhi usar “sustança” por ser a forma que utilizo mais frequentemente para me referir a esse tipo de comida. Como visto até aqui, nem sempre é assim tão simples encontrar um equivalente para expressões idiomáticas. Neste caso, acredito que o que possa ter facilitado a escolha de um equivalente foi o meu conhecimento e uso frequente da expressão “de sustança”, que pode ser definida como parassinônima daquela em inglês, “steadying”, conforme definição de Xatara. Para a autora, as expressões

<sup>41</sup> “firm in position or place; fixed” (STEADY, 2017, tradução nossa).

<sup>42</sup> “reliable; dependable” (STEADY, 2017, tradução nossa).

<sup>43</sup> “to make or become steady” (STEADYING, 2017, tradução nossa).

parassinônimas são aquelas que apresentam “quase o mesmo recorte conceitual, apesar de provirem de duas línguas distintas” (XATARA, 1994, p. 123).

#### 6.2.4 *The far-flung hinterland*

<p>And the job took Dad <b>out into the far-flung hinterland</b> of 1960s Thailand, a world where modernity butted hard against a subsistence way of life that had existed almost unchanged for centuries.</p>	<p>O trabalho levou papai para <b>o quinto dos infernos</b> da Tailândia dos anos 60, um mundo onde a modernidade batia de frente com um estilo de vida baseado na subsistência que permaneceu quase inalterado por séculos.</p>
--	--

O Cambridge Dictionary define “far-flung” como uma expressão usada para se referir a lugares muito distantes ou que são espalhados por áreas muito extensas (FAR-FLUNG, 2017). Já “hinterland” é definida como uma área do país muito afastada das grandes cidades (HINTERLAND, 2017). O uso de “out into” junto dessa expressão sugere que uma pessoa, no caso, o pai da autora, foi enviado para “fora e para dentro de um lugar muito distante e afastado das metrópoles”, se fôssemos traduzir cada palavra ao pé-da-letra, isto é, uma tradução literal e palavra-por-palavra. Como orienta Belloc (BELLOC apud BASSNETT, 2005, p. 153), as expressões idiomáticas não devem ser traduzidas palavra-por-palavra por gerarem comicidade ou estranheza, como é o caso aqui. Uma expressão muito comum na língua portuguesa, utilizada muitas vezes como um xingamento quando se deseja mandar alguém “para longe” (possivelmente visando evitar mais incômodos e conflitos), é “o quinto dos infernos”. O quinto dos infernos é considerado um lugar longínquo e, segundo o site Recanto das Letras (TEIXEIRA, 2017), tem origem na época do Brasil colonial, quando os portugueses que não pagavam o imposto (chamado de “quinto”, por corresponder a 20% do peso do ouro) eram enviados para “o quinto dos infernos”, ou seja, para o Brasil, do outro lado do oceano. Acredito que essa expressão seja um bom equivalente para “far-flung hinterland”, já que o pai da autora foi enviado para um local visto pela autora como longínquo e pouco

desenvolvido, algo aproximado à ideia dos portugueses com relação ao Brasil na época da colonização.

### 6.2.5 *Hippie-dippie*

<p>I played around with the ridiculous notion of aromatherapy remedies. But that was far too <b>hippie-dippie</b> for me.</p>	<p>Brinquei com a ideia ridícula da aromaterapia. Mas aquilo era <b>odara</b> demais para mim.</p>
---	--

A expressão “hippie-dippie”, de acordo com o Merriam-Webster Dictionary, está “relacionada ao, ou reflete o estilo e os valores não convencionais dos hippies”<sup>44</sup> (HIPPIE-DIPPIE, 2017). Ou seja, “hippie-dippie” diz respeito ao modo de viver desse grupo social formado por jovens nas décadas de 1960 e 1970 que pregavam ideais de paz e liberdade e eram contrários a diversas normas da sociedade. O dicionário Michaelis apresenta a seguinte definição para “hippie”: “Diz-se de ou jovem que adota estilos e comportamentos semelhantes aos dos hippies dos anos 1960 e 1970” (HIPPIE, 2017). Analisando a função da expressão no texto, podemos entender que a autora quis dizer que a aromaterapia não combinava com seu estilo e estava mais relacionada ao estilo dos hippies. Em princípio, minha escolha foi traduzir apenas como “aquilo era hippie demais para mim”. Porém, minha professora-orientadora sugeriu uma tradução que considerei ideal, por ser tão informal quanto “hippie-dippie” e manter o tom irônico e divertido da narrativa de Plunkett-Hogge: a expressão “odara”. O dicionário Michaelis define “odara” como uma “palavra-ônibus que exprime atributos positivos, como bom, excelente, bonito etc.” (ODARA, 2017). Para “palavra-ônibus”, o mesmo dicionário define como uma “palavra que, tendo numerosos significados, exprime diversas ideias sem comportar limitação semântica, como coisa, legal, negócio” (PALAVRA-ÔNIBUS, 2017). Conforme o site Significados. BR, a palavra “odara” tem origem na cultura hindu e foi incorporada na cultura popular brasileira por meio da Umbanda e do Candomblé,

<sup>44</sup> “of, relating to, or reflecting the far-out styles and values of hippies” (HIPPIE-DIPPIE, 2017, tradução nossa).

além de ter se popularizado com a canção homônima de Caetano Veloso de 1978 (SIGNIFICADO..., 2017). De acordo com o site, “odara é um conceito de beleza que abarca o bem e o belo numa mesma ideia”. Ou seja, odara tem relação com os ideais hippies de paz; é possível também relacionar, de forma mais livre, a ideia de beleza ao estilo de se vestir dos hippies, carregado de cores e modelagens que compactuavam com o seu estilo de vida. Dessa forma, acredito que “odara” seja, para este contexto, a tradução ideal para a expressão “hippie-dippie”.

### 6.3 LINGUAGEM ESPECIALIZADA: CULINÁRIA

A seguir são apresentados cinco trechos do livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl* que contêm ingredientes ou nomes de pratos típicos que se mostraram desafiadores no momento de sua tradução para a língua portuguesa. Cada trecho é seguido de uma análise das minhas escolhas tradutórias fundamentada no referencial teórico no qual se baseia o presente estudo.

#### 6.3.1 Receita culinária

<p>Add the <b>juniper berries</b>, orange zest and herbs and boil the sauce hard until it's reduced by half. Then strain it through a fine sieve. If it still seems a little thin, pour it into a small saucepan and reduce to your preferred consistency. To serve, slice the duck breasts on the diagonal. Place them on a spoon or two of creamy polenta. Spoon the sauce around the duck and accompany with some <b>bitter greens</b> or <b>cavolo nero</b>.</p>	<p>Adicione as <b>bagas de zimbro</b>, as raspas de laranja e as ervas e ferva bem o molho até que reduza pela metade. Então, coe o molho em uma peneira fina. Se o molho ainda parecer um pouco fino, despeje-o em uma pequena caçarola e reduza-o até a consistência desejada. Para servir, fatie os peitos de pato na diagonal. Coloque-os sobre uma ou duas colheres de polenta cremosa. Espalhe o molho ao redor do pato e sirva com algumas <b>folhas verdes amargas</b> ou <b>couve tipo cavolo nero</b>.</p>
--	--

Conforme abordado no referencial teórico do presente estudo, as receitas culinárias apresentam a linguagem especializada da culinária acompanhada de um caráter prescritivo, e sua tradução deve levar em conta a função a que se destina a receita, ou seja, sua utilidade para o público-leitor. Como também abordado antes, a presente tradução no momento tem como alvo o público acadêmico, além de tradutores e demais interessados no gênero literário e nos elementos narrativos aqui estudados. Dessa forma, a tradução das receitas culinárias tem como foco a equivalência tradutória, mas não a equivalência “prática” – não foram levados em consideração os ingredientes e formas de preparo usuais do público-leitor brasileiro. Ou seja, não houve domesticação nestas traduções. Um exemplo disso é a presença, nesse trecho, do ingrediente “bagas de zimbro” (“juniper berries”, em inglês). Zimbro é o nome popular da árvore junípero, cujos frutos assumem a forma de bagas, ou seja, frutos pequenos e carnosos. Segundo De Teós (2007), o junípero é uma árvore comum no norte europeu, em lugares muito frios. Ou seja, encontrar frutos dessa árvore no Brasil é uma tarefa árdua. Porém, na minha tradução, mantive “bagas de zimbro”, sem buscar um substituto, por ser o ingrediente apresentado pela autora e, como informado, por meu objetivo não ser a domesticação.

Outros casos semelhantes são os ingredientes “bitter greens” e “cavolo nero”. Para “bitter greens”, optei por traduzir por “folhas verdes amargas”, uma vez que “green”, conforme o dicionário Merriam-Webster, “consiste em plantas verdes e geralmente ervas comestíveis”<sup>45</sup> (GREEN, 2017). Ou seja, se trata do que chamamos de salada verde ou salada de folhas verdes. Para “bitter”, utilizei “amargas”, adjetivo que geralmente acompanha a caracterização de folhas como rúcula, agrião, radicchio, entre outras. Já para “cavolo nero” escolhi repetir o nome do ingrediente acompanhado de uma explicitação de sua natureza: a cavolo nero é um tipo de couve originária da Itália. Como na língua inglesa é utilizado o nome italiano da planta, acredito ser importante mantê-lo assim na tradução, ainda que a cavolo nero também seja conhecida como “couve da Toscana” no Brasil (GUIMARÃES, 2015).

---

<sup>45</sup> “consisting of green plants and usually edible herbage” (GREEN, 2017, tradução nossa).

### 6.3.2 Culinária tailandesa

<p>But, the restaurants are still there. And so I climb the creaking stairs of Chao Lay and sit down to a plate of <b>chubby-sweet scallops with chillies</b>, lime leaves, basil, green peppercorns and gingery <i>krachai</i>... the crispiest garlic squid... a plate of <b>morning glory</b> studded with yellow beans and <b>scud chillies</b>... tiny stripy clams with roasted chilli paste and sweet basil... the ultimate crab curry... and a couple of cold, cold beers while looking out at the King's frigates bobbing on the blue, blue waves. And things look up. With food like this, some things seem never to change.</p>	<p>Mas os restaurantes ainda estão lá. E então eu subo as escadas rangentes do Chao Lay e me sento para saborear um prato de <b>vieiras gorduchas e docinhas com pimenta malagueta</b>, folhas de limão, manjericão, pimenta verde e <i>krachai</i> picante... a mais crocante das lulas com alho... um prato de <b>espinafre chinês</b> coberto por vagens amarelas e <b>pimentas olho-de-pássaro</b>... pequenos moluscos listrados acompanhados de pasta de pimentão assado e manjericão doce... o melhor curry de caranguejo... e algumas cervejas muito, muito geladas enquanto observo as fragatas do rei balançando nas ondas azuis, azuis. E as coisas melhoram. Com uma refeição dessas, algumas coisas parecem nunca mudar.</p>
--	---

Plunkett-Hogge descreve seus pratos preferidos de maneira apaixonada. Isso fica visível pela forma como ela descreve as vieiras de um prato degustado em um restaurante tailandês: “chubby-sweet scallops”. Para a autora, as vieiras não são “macias” ou “carnudas”, termos que geralmente acompanham a descrição de pratos que levam esse ingrediente. Plunkett-Hogge usa a expressão “chubby-sweet”, que não é corrente na língua inglesa e possivelmente é fruto do próprio linguajar da autora, que muitas vezes usa expressões próprias e peculiares para descrever os alimentos. No caso, traduzi “chubby-sweet” para “gorduchas e docinhas”, uma vez que essas palavras representam as características do alimento indicadas pela autora, e seu uso no diminutivo transmite o efeito de delicadeza e apego da autora pelo alimento descrito.

“Morning glory” foi um ingrediente particularmente difícil de identificar e traduzir. A planta *morning glory* é muitas vezes associada aos efeitos causados pelo consumo de suas sementes como drogas alucinógenas. Dessa forma, foram

necessárias diversas formas de pesquisa até encontrar uma outra denominação para essa planta, dessa vez utilizada para o preparo de saladas: o termo “water spinach” que, em português, é conhecido como “espinafre chinês”, bastante associado à culinária tailandesa e oriental em geral.

“Scud chillies” também trouxe um pouco de dificuldade, já que esse termo é geralmente utilizado como “pimenta fresca tailandesa”. Após buscas em sites mais específicos de culinária tailandesa, encontrei a associação a “bird’s eye chilli”, a nossa “pimenta olho-de-pássaro”. Pude perceber que o maior desafio ao traduzir nomes de ingredientes e pratos da culinária tailandesa é encontrar um equivalente na própria língua de partida (inglês), um termo mais comumente usado, para aí sim encontrar a tradução correta no português brasileiro. Muitas vezes, os termos apresentados em receitas são também culturalmente específicos, como referências culturais, e representam a cultura do próprio autor da receita. Plunkett-Hogge nasceu e cresceu na Tailândia, apesar de sua família ser do Reino Unido, e suas receitas tailandesas apresentam nomes de ingredientes utilizados em meios bastante específicos da cultura tailandesa.

### 6.3.3 Culinária britânica

<p>Here we had huge Sunday lunches, with all the family, when we were over from Bangkok. Gran’s <b>topside of beef</b> and <b>crusty roast potatoes</b> remain unrivalled to this day. She always served two desserts on a Sunday – a <b>trifle with milk jelly</b>, and a pie. She always had a bowl of <b>stewed apple, spiked with cloves</b>, lurking in the fridge. She’d make <b>cheese scones</b>, which she served warm and dripping with butter.</p>	<p>Aqui comíamos almoços de domingo gigantescos, com a família inteira, quando voltávamos de Bangkok. A <b>picanha</b> com <b>batatas rústicas assadas</b> da vovó é até hoje incomparável. Ela sempre servia duas sobremesas nos domingos – um <b>trifle com gelatina de leite</b>, e uma torta. Ela sempre tinha uma tigela de <b>maçãs cozidas, cravejadas com cravos-da-índia</b>, escondida na geladeira. Ela fazia <b>scones de queijo</b>, que servia quentes e pingando manteiga.</p>
---	---

Este trecho apresenta variados pratos típicos da culinária britânica que caracterizam a origem da autora e suas relações familiares. Porém, justamente por serem comidas típicas, são também itens culturalmente específicos. O primeiro desafio neste trecho é “topside of beef”. A denominação das carnes bovinas derivam de seus respectivos cortes, ou seja, da localização específica da parte do animal que está sendo utilizada. Esses cortes variam culturalmente: os cortes brasileiros são diferentes dos cortes americanos e britânicos. Neste caso, a autora cita o “topside beef”. Por meio de buscas em diversos sites de gastronomia, descobri que o “topside” seria um corte localizado na parte do corpo do boi da qual, no Brasil, se extrairia parte da picanha, da alcatra e do lagarto. Ou seja, o “topside” é um corte intermediário, não encontrado no Brasil. Dessa forma, minha escolha foi traduzir por “picanha”, que é um tipo de carne feito mais comumente de forma assada, como o prato descrito pela autora. Minha escolha foi, portanto, domesticar a receita, uma vez que não existe termo equivalente na língua portuguesa. Para “crusty roast potatoes”, busquei por imagens e encontrei o que aqui no Brasil denominamos como “batatas rústicas”. Porém, existem duas formas de preparo mais comuns para esse prato: frito ou assado. Dessa forma, escolhi traduzir na totalidade “crusty roast potatoes” como “batatas rústicas assadas”. Por não se tratar de um prato típico, culturalmente reconhecido, minha escolha não foi exatamente uma domesticação, e sim uma equivalência do termo na culinária brasileira.

“Trifle with milk jelly” foi o segundo desafio deste trecho. *Trifle* já é um termo reconhecido na culinária brasileira, sempre associado à cultura inglesa, mas comum em livros de receitas e blogs de gastronomia do Brasil. Dessa forma, escolhi manter “*trifle*” na tradução, marcando-a em itálico para que o leitor reconheça que se trata de um nome estrangeiro. O maior problema foi a aparentemente simples “milk jelly”. Depois de analisar algumas receitas desta sobremesa, optei por traduzir literalmente por “gelatina de leite”. Minha escolha se deve principalmente por não haver um equivalente específico na culinária brasileira, e por seus ingredientes principais serem justamente gelatina e leite, além de açúcar, creme de leite e extrato de baunilha. Na culinária brasileira, existem sobremesas como flan de leite condensado, pudim de leite e manjar branco, mas nenhuma delas é o equivalente correto para a *milk jelly*. Por isso, escolhi a tradução literal. Já “stewed apple, spiked with cloves” é mais simples e permite uma tradução literal sem que perca seu

significado, uma vez que a própria expressão utilizada pela autora já é bastante descritiva, não configurando um nome de prato típico propriamente dito.

“Scones”, por outro lado, é um lanche típico britânico: pãezinhos individuais e de preparo rápido que, nesse caso, levam queijo na massa (“cheese”, isto é, queijo). O nome *scones* é bastante utilizado na literatura gastronômica brasileira, sendo de fácil acesso para os leitores curiosos que desejem buscar a exata composição, origem e modo de preparo desse prato típico. Sendo assim, escolhi traduzir por “*scones* de queijo”, mantendo o itálico para identificar ao leitor a presença do estrangeirismo.

#### 6.3.4 Culinárias diversas

<p>Yoon could cook anything. Literally anything. She had worked for Danish, American and Chinese ex-pats before she came to work for us and, between arguing with my mother over her household budget and how many helpers she could have, she cooked an unprecedented array of delicious dishes, from full <b>smorgasbord spreads</b> and <b>gravadlax</b> to <b>rijstafel</b>, <b>Cantonese feasts</b>, <b>shepherd’s pies</b>, <b>American-style towering coconut cakes</b>, chocolate brownies, crab soufflés, roasts of every sort and, of course, spectacular Thai food.</p>	<p>Yoon podia cozinhar qualquer coisa. Literalmente qualquer coisa. Ela cozinhou para expatriados dinamarqueses, americanos e chineses antes de trabalhar conosco e, entre discutir com minha mãe sobre o orçamento doméstico e quantos ajudantes ela poderia ter, ela cozinhou uma variedade sem precedentes de pratos deliciosos, de banquetes tipo <b>smorgasbord completos</b> e <b>gravadlax</b> a <b>rijstafel</b>, <b>banquetes cantoneses</b>, <b>empadões de carne estilo inglês</b>, <b>bolos altos de coco estilo americano</b>, brownies de chocolate, suflês de caranguejo, assados de todos os tipos e, é claro, uma espetacular comida tailandesa.</p>
--	---

Aqui encontramos diversas culturas gastronômicas exemplificadas em um único trecho: sueca, escandinava, indonésia-holandesa, cantonesa, inglesa e americana, na respectiva ordem dos itens grifados em negrito. “Smorgasbord” é uma palavra de origem sueca que designa uma espécie de *buffet* de pratos quentes e frios, geralmente elaborado para eventos comemorativos. Esse termo consta

inclusive nos dicionários de língua inglesa, como o Collins Dictionary (SMORGASBORD, 2017), apesar de sua origem estrangeira. Sendo assim, optei por manter o estrangeirismo na tradução, traduzindo para o português apenas as palavras que acompanham “smorgasbord” no texto original. Para “full”, optei por “completo”, e para “spreads”, após uma busca no tesouro de língua inglesa, escolhi a tradução banquete, uma vez que, quando relacionada à comida, “spread” significa uma grande quantidade de comida oferecida em uma ocasião especial (SPREAD, 2017). A tradução completa ficou “banquetes tipo *smorgasbord* completos”. Escolhi inserir a palavra “tipo” para orientar o leitor de que “smorgasbord” é um tipo de banquete; o itálico explicita a origem estrangeira da palavra.

“Gravadlax”, por sua vez, é um prato de origem escandinava que consiste basicamente de salmão cru defumado, marinado por alguns dias e depois servido como aperitivo ou acompanhamento (BACELLAR, 2017). O texto original, porém, não explicita nada disso. O leitor usuário nativo da língua inglesa provavelmente desconhece o significado do termo, assim como o leitor brasileiro, e acredito que a decisão de não adicionar qualquer explicação sobre o termo seja uma decisão específica que visa despertar no leitor a curiosidade de buscar informações sobre outras culturas. Assim, optei por manter o termo estrangeiro, como consta no original, apenas grifando em itálico para que o leitor perceba que se trata de um estrangeirismo, e não um erro tipográfico, por exemplo. O mesmo se aplica a “*rijstafel*”, uma refeição de origem holandesa com pratos indonésios, que consiste em uma variedade de apresentações e variações de preparo de arroz, com diversos acompanhamentos (NOGUEIRA, 2009).

Traduzi “Cantonese feasts” literalmente, “banquetes cantoneses”, uma vez que não é um termo especializado da culinária, e sim uma descrição. Já o caso de “sheperd’s pies” foi diferente: optei por domesticar a expressão e adicionar uma explicitação, resultando em “empadões de carne estilo inglês”. O motivo para tanto é que “sheperd’s pies” não é um termo comum na literatura culinária brasileira e, ainda que a intenção da autora seja fazer o leitor buscar informações sobre outras culturas, no caso da inglesa não funciona da mesma forma, uma vez que a própria autora é inglesa e seus leitores sabem o que significa “sheperd’s pie”. Preferi dar ao leitor brasileiro a mesma chance de compreender essa passagem que tiveram os leitores ingleses e americanos (“sheperd’s pie” também faz parte da culinária americana). Meu foco foi na função do texto, na funcionalidade que ele terá para o

leitor, que deve ser a mesma que aquela pretendida para o texto de origem, conforme especificado antes.

Por último, para “American-style towering coconut cakes”, escolhi uma tradução mais voltada para a descrição literal, resultando em “bolos altos de coco estilo americano”. “Towering”, segundo o Collins Dictionary, significa algo ou alguém cuja altura, importância, habilidade ou intensidade seja impressionante (TOWERING, 2017). Nesse caso, um bolo qualificado como “towering” é um bolo alto, diferente dos bolos tradicionais, geralmente de apenas duas camadas. Assim, escolhi traduzir “towering cakes” por “bolos altos”, já que o adjetivo “alto” já diferencia esse bolo dos demais.

### 6.3.5 Um pouco mais da culinária britânica

<p>Gran’s [favorite] was Lewisham Market in southeast London. With its loud stallholders and piles of vegetables and fruit, there was bargaining to be done. From here we’d come home with <b>Bramley apples for stewing</b>, rhubarb for turning into jam and pie, pears to poach in cider, <b>King Edward potatoes</b> to roast (that’s stuck – I only use King Edwards for roasting and baking), swede to be boiled and mashed with more butter than you could imagine, parsnips to be made into cakes, <b>broad beans to be shelled and popped into your mouth raw as a snack</b>, the remainder steamed, peeled and served with scrambled eggs.</p>	<p>O preferido da vovó era o Lewisham Market, no sudeste de Londres. Com seus ruidosos banqueiros e pilhas de vegetais e frutas, tinha muita barganha a ser feita. Dali iríamos para casa com <b>maçãs Bramley para cozinhar</b>, ruibarbo para fazer geleia e torta, peras para mergulhar em cidra, <b>batatas King Edward para assar</b> (that’s stuck – eu só uso batatas King Edward para assar ou cozinhar), nabo para ser fervido e esmagado com mais manteiga do que você pode imaginar, cherovia para fazer bolos, <b>feijões-fava para serem descascados e jogados crus na boca, como petiscos</b>, os restantes cozidos no vapor, descascados e servidos com ovos mexidos.</p>
--	--

Os trechos apresentados nesta análise são abordados na sequência narrada no livro de Plunkett-Hogge. Dessa forma, algumas temáticas são recorrentes, porém aparecem em diferentes momentos da história. A culinária britânica, por estar

relacionada aos laços familiares e à infância, à adolescência e à própria origem da autora, aparece diversas vezes ao longo do livro, bem como a culinária tailandesa, já que a autora nasceu e cresceu em Bangkok. Neste trecho, podemos perceber mais alguns pratos e ingredientes típicos da culinária inglesa, diferentes daqueles apresentados no item 6.3.3, como as “Bramley apples”, uma variedade de maçãs comum no Reino Unido, consumidas principalmente cozidas. Já as “King Edward potatoes” são uma variedade de batatas mais redondas e mais cremosas, o que permite melhor cozimento quando assadas. Segundo Beglin (2016), os britânicos são grandes consumidores de batata e consomem cerca de 130 kg de batata, por pessoa, ao ano. As batatas são preparadas de diversas formas, e suas variedades determinam o melhor preparo (BEGLIN, 2016). Como o nome dessa variedade de batatas é válido também no Brasil, traduzi apenas o restante da expressão, sem inserir itálicos, uma vez que se trata de um nome próprio de um produto. Resultou em “batatas King Edward para assar”.

Os “broad beans” são feijões-fava, muito comuns na culinária europeia, apresentados geralmente como petiscos em versões torradas e salgadas, ou em refogados, assados e sopas, entre outras modalidades de preparo. Plunkett-Hogge, porém, cita uma forma diferente de consumo, que parece ser típica da cultura britânica: comer as favas cruas, como petiscos. Uma vez que a autora sugere que as favas sejam apenas descascadas, acredito que nem mesmo sal é adicionado antes do consumo. Minha tradução ficou bastante literal e descritiva, uma vez que o próprio texto de partida não contém elementos que possibilitem variações: “feijões-fava para serem descascados e jogados crus na boca, como petiscos”.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As seções anteriores se concentraram na introdução, base teórica e análise do meu tema de pesquisa – os aspectos da narrativa do livro *Adventures of a Terribly Greedy Girl*, uma *food memoir*, e seus reflexos no ato tradutório. A teoria relacionada a esse gênero textual foi apresentada por meio do artigo de Barbara Fray Waxman (2009), que apresenta as características das *food memoirs* e a importância desse gênero textual para melhorar a compreensão e a empatia frente a culturas estrangeiras. Os elementos que são intrínsecos às *food memoirs* – os termos da culinária, as referências culturais e as expressões idiomáticas – foram analisados à luz das teorias de tradução apresentadas nas seções de referencial teórico.

É importante levar em consideração os principais aspectos narrativos e tradutórios evidenciados na análise aqui empreendida. A primeira característica perceptível é a presença e a forma como se apresentam as particularidades do gênero textual *food memoir*: a linguagem informal, que se assemelha a uma conversa entre amigos e se desenrola por meio do uso de expressões idiomáticas; a sensação de ser transportado para o lugar representado pela autora e *sentir* as sensações descritas no texto – o aroma, o sabor, os sons, a textura; o uso de referências culturais, que tornam o texto mais envolvente ao apresentar exemplos da cultura popular – como nomes de filmes, trechos de músicas, atores contemporâneos e marcas de produtos – para a contextualização das memórias da autora; e a descrição de pratos típicos e receitas culinárias, que apresentam ingredientes e modos de preparo específicos de cada cultura que está sendo descrita pela autora. O segundo aspecto observável por meio da análise é a variedade de culturas e experiências descritas, que correspondem aos lugares em que a autora viveu ou visitou e as atividades com as quais trabalhou. O terceiro e último ponto, que acredito ser bastante perceptível pela análise aqui apresentada, são os obstáculos que todos esses elementos intrínsecos à narrativa desta *food memoir* representam para o tradutor, pois exigem extensa pesquisa e profundo conhecimento tanto da linguagem quanto da cultura do texto de partida, além da busca por informações sobre as demais culturas nele apresentadas.

A análise desenvolvida no presente estudo tem impacto positivo no campo de estudos literários, uma vez que permite uma melhor compreensão das

características das *food memoirs*, um gênero textual ainda pouco explorado no Brasil. Além disso, serve como material de consulta para tradutores que estejam em busca de estudos tanto sobre o campo culinário quanto sobre a tradução de elementos narrativos próprios dos gêneros textuais a ele relacionados. Por último, uma vez que para atingir meu objetivo neste estudo foi necessário não apenas analisar, mas traduzir parte do livro cuidadosa e profissionalmente, espero que o desenvolvimento deste trabalho tenha contribuído para a concepção de uma boa tradução, e que colabore positivamente para o restante dela – ainda a ser desenvolvido. Talvez um dia este material alcance as prateleiras das livrarias e chame a atenção de muitos leitores interessados nas diferentes culturas apresentadas por Kay Plunkett-Hogge nesta *food memoir*.

Também é importante reconhecer que meu estudo possui limitações, o que pode resultar em desenvolvimentos posteriores da análise e em pesquisas adicionais. Existem diversos outros aspectos relacionados especificamente a esta *food memoir* que podem ser analisados: a totalidade das receitas e descrições de pratos típicos, por exemplo, uma vez que estes itens foram apenas parcialmente abordados neste estudo; ou ainda a análise da tradução dos segmentos que transmitem sensações ao leitor, e a importância de se atentar em transmitir sentimentos da forma mais natural e verdadeira possível por meio da leitura. Ainda, existem diversos outros exemplos de referências culturais e expressões idiomáticas no livro, que não couberam no escopo do presente estudo, e cuja tradução daria origem a uma análise ainda mais ampla e relevante com relação às diversas abordagens possíveis para uma dessas expressões. Além disso, muitos outros estudos podem ser desenvolvidos, com base no formato e referencial teórico desta análise, levando-se em consideração outras *food memoirs*. A relação entre *food memoirs* e o gênero autobiográfico é outra possibilidade de estudo derivada deste trabalho. Como mencionado anteriormente, as *food memoirs* ainda são pouco divulgadas e trabalhadas no campo literário brasileiro, e tenho esperança de que estudos sobre esse tipo de escrita culinária contribuam para o desenvolvimento desse gênero textual na língua portuguesa, especialmente por meio da tradução.

## REFERÊNCIAS

ADVENTURES of a Terribly Greedy Girl. **Octopus Publishing Group**. Disponível em: <<https://www.octopusbooks.co.uk/books/detail.page?isbn=9781784721923>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

AIXELÁ, Javier Franco. Culture-specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, Román; VIDAL, Carmen A. (eds.). **Translation, Power, Subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996. pp. 52-78.

AUSTIN, Frederic. Twelve Days of Christmas. Intérprete: **Frederic Austin**. [S.l.]: 1909.

BACELLAR, Heloísa. Salmão curado gravadlax. **Na cozinha da Helô**, [S.l.], 2017. Disponível em: <<https://nacozinhadahelo.com.br/receitas/salmaa-curado-gravadlax/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**. Trad. Sônia T. Gehring, Letícia V. Abreu, Paula A. R. Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. 223 p.

B EGLIN, Solange S. Gosto pela batata na culinária britânica. **Folha do Mate**, Venâncio Aires, 11 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.folhadomate.com/blog/da-europa70/0000/gosto-pela-batata-na-culinaria-britanica>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BUBEL, Claudia; SPITZ, Alice. The way to intercultural learning is through the stomach. In: GERHARDT, C.; FROBENIUS, M., LEY, S. (Eds.). **Culinary Linguistics: The Chef's Special**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. pp. 157–187.

CORRÊA, Mônica Cristina. Tradução e referências culturais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 23, p.39-52, 8 out. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

DE TEÓS, Anacreon. O zimbro, do gim à cozinha. **Tribuna PR**, Curitiba, 04 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/noticias/o-zimbro-do-gim-a-cozinha/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

GUIMARÃES, Sandra. 10 coisas muito boas que descobri na Itália. **Papacapim**, [S.l.], 20 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.papacapim.org/2015/02/20/10-coisas-muito-boas-que-descobri-na-italia/>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

LEFEVERE, André. **Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature**. New York: Modern Language Association of America Hardcover, 2005. 165 p.

NEWMARK, Peter. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon Institute Of English, 1981. 200 p.

NOGUEIRA, Peco. Rijsttafel. **Blog do Peco**, [S.l.], 16 set. 2009. Disponível em: <<http://www.blogdopeco.com/2009/09/rijsttafel.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

NORD, Christiane. Loyalty and Fidelity in Specialized translation. **Confluências**: Revista de tradução científica e técnica, Heidelberg, n. 4, p. 29-41, maio 2006.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução**: Histórias, teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 143 p. (Na ponta da língua 23).

PLUNKETT-HOGGE, Kay. **Adventures of a Terribly Greedy Girl: A Memoir of Food, Family, Film & Fashion**. London: Mitchell Beazley, 2017. E-book. eISBN: 978-1-78472-316-3. 254 p.

RAWSON, Hugh. Why Do We Say “G.I.”? **American Heritage**, [S.l.]: V. 57, Issue 2, April/May, 2006. Disponível em: <<http://www.americanheritage.com/content/why-do-we-say-%E2%80%9C9Cgi%E2%80%9D>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

REBECHI, Rozane R. **A tradução da culinária típica brasileira para o inglês**: um estudo sob o enfoque da linguística de corpus. 2015. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

REBECHI, Rozane R.; SILVA, Márcia M. da. Brazilian Recipes in Portuguese and English: The Role of Phraseology for Translation. In: MITKOV, Ruslan (Ed.). **Computational and Corpus-Based Phraseology**: Second International Conference, Europhras 2017, London, UK, November 13-14, 2017, Proceedings. London: Springer, 2017. p. 102-114.

SACRAMENTO, Adriana Rodrigues. **A culinária de sentidos: corpo e memória na literatura contemporânea**. 2009. 279 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SIGNIFICADO de odara. **Significados.BR**. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/odara>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SOBRAL, Adail. Posfácio. In: BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (Org.). **Conversas com tradutores**: Balanços e perspectivas da tradução. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 201-214.

TEIXEIRA, Nelson. Origem da expressão “quinto dos infernos”. **Recanto das Letras**, [S.l.], 08 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-politica/5304271>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

VENUTI, Lawrence. **The translator’s (in)visibility**: a history of translation. Londres: Routledge, 2008. E-book.

WAXMAN, Barbara F. Food memoirs: what they are, why they are popular, and why they belong in the literature classroom. **College English**, [s.l.], v. 70, n. 4, p.363-383, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25472276>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

XATARA, Claudia Maria. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. 1994. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

### **Verbetes em dicionários:**

FAR-FLUNG. In: CAMBRIDGE Dictionary. [S.l.]: Cambridge University Press, 2017. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/far-flung>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

FAZ-TUDO. In: AULETE Digital. [S.l.]: Lexikon Editora Digital, 2017. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/faz-tudo>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

GREEN. In: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. [S.l.]: Merriam-Webster, 2017. Disponível em: < <https://www.merriam-webster.com/dictionary/green>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HINTERLAND. In: CAMBRIDGE Dictionary. [S.l.]: Cambridge University Press, 2017. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/hinterland>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HIPPIE-DIPPIE. In: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. [S.l.]: Merriam-Webster, 2017. Disponível em: < <https://www.merriam-webster.com/dictionary/hippie-dippie>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HIPPIE. In: MICHAELIS On-line. [S.l.]: Editora Melhoramentos, 2017. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=hippie>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MAKE a run for it. In: CAMBRIDGE Dictionary. [S.l.]: Cambridge University Press, 2017. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/make-a-run-for-it>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MR. FIXIT. In: DICTIONARY.com. [S.l.]: Random House Unabridged Dictionary, 2017. Disponível em: < <http://www.dictionary.com/browse/mr--fixit>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ODARA. In: MICHAELIS On-line. [S.l.]: Editora Melhoramentos, 2017. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=odara>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

PALAVRA-ÔNIBUS. In: MICHAELIS On-line. [S.l.]: Editora Melhoramentos, 2017. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=palavra-%C3%B4nibus>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

RAIZ. In: AULETE Digital. [S.l.]: Lexikon Editora Digital, 2017. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/raiz>>. Acesso: 15 jul. 2017.

SMORGASBORD. In: COLLINS Dictionary. [S.l.]: Collins, 2017. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/smorgasbord>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SPREAD. In: THESAURUS.com. [S.l.]: Random House Unabridged Dictionary, 2017. Disponível em: <<http://www.thesaurus.com/browse/spread?s=t>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

STEADY. In: THE Free Dictionary. Huntingdon Valley: Farlex, Inc., 2017. Disponível em: <<https://www.thefreedictionary.com/steady>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

STEADYING. In: THE Free Dictionary. Huntingdon Valley: Farlex, Inc., 2017. Disponível em: <<https://www.thefreedictionary.com/steadying>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SUSTANÇA. In: AULETE Digital. [S.l.]: Lexikon Editora Digital, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sustanca>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SUSTÂNCIA. In: AULETE Digital. [S.l.]: Lexikon Editora Digital, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sustancia>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

TOWERING. In: COLLINS Dictionary. [S.l.]: Collins, 2017. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/towering>>. Acesso em: 10 dez. 2017.